

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**MIGUEL GAMBOGI SILVA MACHADO**

**AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA A CATEDRAL DO MAR, DE  
ILDEFONSO FALCONES**

Alfenas/Mg

2025

**MIGUEL GAMBOGI SILVA MACHADO**

**AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA A CATEDRAL DO MAR, DE  
ILDEFONSO FALCONES**

Objeto de Aprendizagem apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Adriana Vidotte

Alfenas/Mg

2025

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Central

Machado, Miguel Gambogi Silva.

As representações femininas em A catedral do mar, de Ildefonso  
Falcoes / Miguel Gambogi Silva Machado. - Alfenas, MG, 2025.  
76 f. : il. -

Orientador(a): Adriana Vidotte.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de  
Alfenas, Alfenas, MG, 2025.

Bibliografia.

1. A catedral do mar. 2. Ildefonso Falcoes. 3. Mulheres na Idade  
Média. 4. Medievalismo. I. Vidotte, Adriana , orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

MIGUEL GAMBOGI SILVA MACHADO

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA “A CATEDRAL DO MAR”, DE ILDEFONSO FALCONES

O Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 16 de julho de 2025.

Profa. Dra. Profa. Dra. Adriana Vidotte  
Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Adailson José Rui

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Profa. Dra. Maria Da Conceição Silva

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG-GO)



Documento assinado eletronicamente por **Adailson José Rui, Professor do Magistério Superior**, em 12/08/2025, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



[A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1558148** e o código CRC **3A2FBFAF**.

---

## **AGRADECIMENTOS**

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001” ou “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”

Agradeço primeiramente a minha família por ter apoiado imensamente a minha decisão de prosseguir com a minha jornada como discente e mestrando em História e aos meus amigos que não só incentivaram a buscar ampliar os meus conhecimentos, mas também o título de Mestre.

Também gostaria de agradecer a minha orientadora Adriana Vidotte, que muito me ajudou durante esta árdua jornada de dois anos com seus ensinamentos e questionamentos, que ampliaram as discussões sobre as mulheres no século XIV, tema central deste trabalho.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir as representações das mulheres no século XIV a partir do romance *A catedral do mar*, de Ildefonso Falcones. O romance retrata a saga da família Estanyol, com foco inicialmente em Bernart e posteriormente Arnau. Estes personagens necessitam lutar pela sua sobrevivência em um mundo cuja liberdade está sempre em jogo. Situada na Catalunha medieval, Falcones escreve sobre uma cidade de Barcelona viva, como personagem mutável, e a construção da catedral de Santa Maria do Mar, criada pelo povo e para o povo. Entre as temáticas de disputas de poder entre a burguesia, a vida no campo e na cidade, os conflitos religiosos e a peste bubônica, o autor recria o ambiente do século XIV. Por meio dele, será proposta uma análise da construção de sua obra, com foco nas suas personagens femininas e como o autor as representa de maneira retrógrada. As constantes submissões e atos de violência contra elas geram no leitor a ideia de Idade Média como “Idade das Trevas”, conceito criado para caracterizar o período como algo a ser superado pelas “novas culturas” que foram desenvolvidas durante o Renascimento (séc. XIV a XVI) e Iluminismo (séc. XVIII). Como se trata de uma ficção histórica, com base no medievalismo, o autor constrói a cidade de Barcelona e seus cidadãos com a rigidez histórica presente nas fontes, porém deixa a desejar com a escrita das personagens. Este trabalho pretende contribuir, por meio da criação de um material didático curto e simples, denominado *Além do lar: o trabalho feminino que moveu a Idade Média* que possibilita ao professor tratar sobre alguns conceitos relacionados à Idade Média, com foco nos trabalhos que as mulheres realizavam durante o medievo, que demonstram como nem sempre as suas representações do entretenimento apresentam as características com a fidelidade necessária para considerar como acuradas.

**PALAVRAS-CHAVE:** *A catedral do mar*; Ildefonso Falcones; mulheres na Idade Média; medievalismo.

## RESÚMEN

El objetivo de este artículo es presentar y debatir las representaciones de la mujer en el siglo XIV a partir de la novela *La catedral del mar* de Idefonso Falcones. La novela retrata la saga de la familia Estanyol, centrándose inicialmente en Bernart y más tarde en Arnau. Estos personajes tienen que luchar por su supervivencia en un mundo donde la libertad está siempre en juego. Ambientada en la Cataluña medieval, Falcones escribe sobre una Barcelona viva, de carácter cambiante, y sobre la construcción de la catedral de Santa María del Mar, creada por el pueblo y para el pueblo. Entre los temas de las luchas de poder entre la burguesía, la vida en el campo y en la ciudad, los conflictos religiosos y la peste bubónica, el autor recrea la atmósfera del siglo XIV. Esto servirá para analizar la construcción de su obra, centrándose en sus personajes femeninos y en cómo el autor los representa de forma retrógrada. La sumisión constante y los actos de violencia contra ellas generan en el lector la idea de la Edad Media como «Edad Oscura», concepto creado para caracterizar el periodo como algo a superar por las «nuevas culturas» que se desarrollaron durante el Renacimiento (siglos XIV a XVI) y la Ilustración (siglo XVIII). Al tratarse de una ficción histórica basada en el medievalismo, la autora construye la ciudad de Barcelona y sus ciudadanos con el rigor histórico presente en las fuentes, pero deja que desear con la escritura de los personajes. Este trabajo pretende hacer una contribución mediante la creación de un breve y sencillo material didáctico titulado *Más allá del hogar: el trabajo de las mujeres que movió la Edad Media*, que permite a los profesores abordar algunos conceptos relacionados con la Edad Media, centrándose en el trabajo que las mujeres realizaron durante la Edad Media, lo que demuestra cómo sus representaciones de entretenimiento no siempre presentan las características con la fidelidad necesaria para considerarlas exactas.

**PALABRAS CLAVE:** *La catedral del mar*; Idefonso Falcones; mujeres en la Edad Media; medievalismo.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to present and discuss the representations of women in the 14th century based on the novel *The Cathedral of the Sea*, by Ildefonso Falcones. The novel portrays the saga of the Estanyol family, focusing initially on Bernart and later Arnau. These characters have to fight for their survival in a world where freedom is always at stake. Set in medieval Catalonia, Falcones writes about a living Barcelona, as a changing character, and the construction of the cathedral of Santa María del Mar, created by the people and for the people. Between the themes of power struggles between the bourgeoisie, life in the countryside and the city, religious conflicts and the bubonic plague, the author recreates the environment of the 14th century. Through this, an analysis of the construction of his work will be proposed, focusing on his female characters and how the author represents them in a retrograde way. The constant submission and acts of violence against them generate in the reader the idea of the Middle Ages as the “Dark Ages”, a concept created to characterize the period as something to be overcome by the “new cultures” that were developed during the Renaissance (14th to 16th centuries) and the Enlightenment (18th century). As this is a historical fiction based on medievalism, the author constructs the city of Barcelona and its citizens with the historical rigidity present in the sources, but leaves something to be desired in the writing of the characters. This work aims to make a contribution by creating a short and simple piece of teaching material, called *Beyond the home: the women's work that moved the Middle Ages*, which enables teachers to deal with some concepts related to the Middle Ages, with a focus on the work that women did during the Middle Ages, which demonstrates how their representations of entertainment do not always present the characteristics with the necessary fidelity to be considered accurate.

**KEYWORDS:** *The cathedral of the sea*; Ildefonso Falcones; women in the Middle Ages; medievalism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A cidade de Bebbangurg .....	14
Figura 2 - Imagem representativa do jogo Kingdom Come Deliverance II.....	15
Figura 3 - Capa representativa do romance “A catedral do mar” .....	16
Figura 4 - Imagem promocional da série da Netflix “A catedral do mar” .....	16
Figura 5 - Quadro A rendição de Granada (1882), por Francisco Padilha y Ortiz .....	18
Figura 6 - Mapa representativo da cidade de Barcelona .....	18
Figura 7 - Mapa da cidade de Barcelona no século XVI, por Antony van den Wyngaerde.	19
Figura 8 - Imagem atual do bairro Eixample, em Barcelona .....	19
Figura 9 - O Carnaval do Arlequim, por Joan Miró (1924).....	20
Figura 10 - A Sagrada Família, por Antoni Gaudí.....	20
Figura 11 - Imagem do exterior da Catedral de Santa Maria do Mar .....	21
Figura 12 - Imagem do interior da Catedral de Santa Maria do Mar .....	22
Figura 13 - Pintura Mulheres construtoras, de Roman Des Girart Von Roussilon (1447) .....	22
Figura 14 - Ilustração presente no livro Mui Ricas Horas do Duque de Berry (séc. XV) .....	23
Figura 15 - Cristine de Pizan em um manuscrito medieval, autor desconhecido .....	24
Figura 16 - Hildegard de Bigen, gravura feita por W. Marshal (1642).....	25

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>OBJETO DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>DESENVOLVIMENTO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM .....</b>	<b>32</b>
3.1	ILDEFONSO FALCONES E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	32
3.2	FONTES DO ROMANCE.....	35
3.3	<i>A CATEDRAL DO MAR</i> E SEUS PERSONAGENS.....	38
3.4	AS MULHERES EM <i>A CATEDRAL DO MAR</i> .....	39
3.4.1	O casamento na Idade Média.....	42
3.4.2	O papel da mulher na Idade Média.....	44
3.4.3	A Igreja Católica e a mulher na Idade Média .....	48
3.4.4	A violência contra a mulher na Idade Média .....	52
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>57</b>
4.1	CONCEPÇÃO E ESCRITA DO OBJETO DE APRENDIZAGEM .....	63
4.1.1	A escrita do primeiro conto: Catarina Garcia .....	67
4.2.2	A escrita do segundo conto: Isabel Fernandes .....	69
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>71</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

O trabalho de pesquisa é baseado no romance *A catedral do mar*, de Ildefonso Falcones. A narrativa se passa na região da Catalunha do século XIV, principalmente na cidade natal do autor Barcelona. Com a intenção de recriar a cidade, com suas características do período medieval, Falcones, escritor e advogado, tem como foco a construção da catedral de Santa Maria do Mar e os aspectos do cotidiano pessoal dos diferentes personagens apresentados na obra.

O romance acompanha a jornada da família Estanyol, inicialmente com o camponês Bernard Estanyol, sua esposa e filho. A vida no campo recriada por Falcones é apresentada com extremas dificuldades, principalmente pelos abusos do senhor da terra Llorenç de Bellera. Após ser forçado a entregar sua mulher para Llorenç, Bernard, com seu filho recém-nascido Arnau, decide buscar a sua liberdade na cidade de Barcelona, que a prometia após viver e trabalhar no local durante um ano e um dia.

Depois de perder sua vida em uma tentativa fracassada de revolução em busca dos escassos alimentos, Bernard deixa seu filho biológico Arnau e filho adotivo Joan sozinhos, os forçando a buscar sustento próprio ainda adolescentes. Arnau decide virar bastaixo (trabalhador do porto e carregador de pedras para a catedral de Santa Maria do Mar) e Joan segue caminho na Igreja. Agora assumindo o protagonismo do romance, Arnau torna-se cambista, após salvar a vida de uma família judia da perseguição cristã e, ao decorrer da narrativa, transforma-se em uma pessoa de grande influência na cidade, enquanto Joan busca na inquisição seu caminho.

Ao longo da jornada, diversas personagens femininas foram apresentadas, dentre elas as mais importantes: Francesca, mãe de Arnau; Alexis, primeiro interesse romântico do protagonista e Mar, filha adotiva de Arnau. Porém, o que mais chama atenção nestas e outras personagens de Falcones é o reforço do estereótipo feminino durante a Idade Média. Suas personagens sempre são sujeitadas ao sistema patriarcal medieval e às tradições da Igreja, além das cenas de abusos físicos. No caso de Francesca, por exemplo, após ser abusada por Llorenç e seus soldados, ela ainda é forçada a ser ama de leite do filho do senhor no castelo. Sem poder contar com Bernard, já que não havia muito o que ele poderia fazer, a única opção encontrada pela personagem foi a prostituição.

Neste sentido, o Objeto de Aprendizagem produzido neste trabalho apresenta um material denominado *Além do lar: o trabalho feminino que moveu a Idade Média*. Este OA busca discutir as representações da Idade Média e como são feitas em obras do entretenimento,

com foco no romance de Falcones. Contudo, também é apresentada uma breve introdução sobre a temática, como uma breve apresentação do cenário da “Espanha” medieval e da cidade de Barcelona. Como tópico proposto na BNCC (2018, p. 420), este OA pretende entregar ao professor um material auxiliar para ajudar nesta discussão com propostas de pesquisas, sugestões de atividades e curiosidades que permitem ao professor e aos alunos se aprofundarem em assuntos que o próprio currículo não trata. Além disso, propus duas atividades avaliativas: a primeira possui dois contos, escritos por mim, para os alunos lerem em grupos de três ou quatro alunos e, após a leitura, esses alunos possam produzir a sua própria história que eles se imaginem na Idade Média; a segunda propus que os mesmos grupos identifiquem, a partir de imagens do livro *Por amor às cidades* de Jaques LeGoff, as diferenças e semelhanças entre os modos de vida de uma pessoa na Idade Média com a atualidade.

Este trabalho é dividido em três partes: o Objeto de Aprendizagem em si, contendo os contos citados acima; a segunda parte apresenta a pesquisa e análises tanto do autor, Ildefonso Falcones, e sua obra, especificamente as mulheres em seu romance em contraste com a historiografia; e a terceira parte sobre o processo de criação do OA e sua utilização em sala de aula.

## 2 OBJETO DE APRENDIZAGEM

O Objeto de Aprendizagem a seguir é um material didático que, a partir da discussão presente neste trabalho, apresenta propostas de discussões sobre a Idade Média e as suas representações. Editado no Canva Pro em PDF, este OA disponibiliza ao professor sugestões de pesquisa e atividades para complementar a discussão sobre o medievo. Com linguagem didática, a utilização de imagens e referências com as quais os alunos possam ter tido contato, é possível traçar uma linha de conhecimento já adquirido por eles com esse material para ampliar o que foi proposto pela BNCC. Confira abaixo o esboço do trabalho e, para acessar o material editado, utilize estes links:

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:US:8631ff51-4ac9-48a2-853b-2205cde65569>

### **Além do Lar: O Trabalho Feminino que Moveu a Idade Média**

#### PARA O PROFESSOR/PROFESSORA

A proposta a ser apresentada neste pequeno livro visa demonstrar uma discussão sobre a Idade Média que aborde temas como as maneiras que o período medieval é representado em obras do entretenimento, as suas influências e como nem sempre a fidelidade é tida como algo a ser buscado.

Para isso, utilizo como exemplo o romance de Ildefonso Falcones, *A catedral do mar*, e como o autor representa, como caso específico, as mulheres em seu romance. Com atuações secundárias, suas personagens não apresentam situações cujas atitudes das mulheres foram responsáveis por transformações, construções e influências durante todo o período medieval.

Tal discussão é apresentada por as várias funções que as mulheres exerciam na Idade Média, como os serviços de ajudantes de pedreiros, produtoras de conhecimento, donas de oficina e suas funções e independência nos conventos. Não me abstendo somente ao seu papel, também apresento uma breve discussão sobre o conceito da Idade Média, a “Espanha” do século XIV e alguns aspectos, características e curiosidades da cidade de Barcelona, a medieval e a atual.

O principal objetivo deste Objeto de Aprendizagem é encontrar uma maneira de conciliar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, sejam por qualquer fonte apresentada a eles mesmo fora da escola, com a pesquisa científica desenvolvida no meu projeto de mestrado:

*As representações femininas na obra A catedral do mar, de Ildefonso Falcones.* Para tal, busquei apresentar um pouco da pesquisa de maneira didática aos alunos juntamente com artigos, informações extras e perguntas sugeridas que os incentivem a buscarem mais informações não somente sobre o passado, mas também sobre o presente.

Como atividade avaliadora, sugeri dois exercícios em grupo: o primeiro seria a leitura de dois contos escritos por mim e, após este primeiro passo, a escrita de um breve texto de como esses alunos enxergam suas vidas se eles vivessem na Idade Média. Caso opte por esse exemplo, explore a imaginação dos alunos e observe as diferentes visões apresentadas para continuar a discussão sobre a Idade Média e sua construção a partir destes textos.

No segundo exercício, utilizei o livro *Por amor às cidades*, de Jaques LeGoff, para criar uma atividade para que os alunos possam comparar a vida na cidade atual e na Idade Média. Essas imagens foram retiradas do mesmo livro e permitem a visualização tanto das semelhanças entre os tempos apresentados quanto das diferenças.

Para encerrar esta breve apresentação, deixo a seu dispor para utilizar este material como lhes agrada para atender as suas necessidades em suas aulas e que garanta uma ótima e satisfatória atividade com os alunos. Obrigado pela leitura!

O autor.

## VAMOS FALAR SOBRE O QUE É IDADE MÉDIA?

Mas o que é Idade Média? Didaticamente chamamos o período que se inicia no ano de 476, com a queda do Império Romano, e termina em 1453, com a invasão da cidade de Constantinopla pelo Império Otomano. Este período histórico é dividido em duas grandes fases: Alta Idade Média (século V ao século X) e Baixa Idade Média (século XI ao XV).

Atualmente, a Idade Média é representada em séries, filmes, livros e jogos, que mostram principalmente castelos, cavaleiros, reis e rainhas e grandes batalhas. Essas representações nem sempre pretendem apresentar com fidelidade as sociedades deste período, as deixando caracterizadas com estereótipos que causam no espectador certa imagem negativa sobre a Idade Média, reforçando a ideia de “Idade das Trevas”.

### PARA REFLETIR:

- 1) Ao pensar sobre a Idade Média, o que vem à sua mente?
- 2) Você já teve contato com algum conteúdo que trate sobre o período? Se sim, descreva-o em breves palavras.

### “IDADE DAS TREVAS”?

Este conceito foi criado durante o Renascimento e reforçado por autores iluministas para descrever a Idade Média como período histórico que atrasou o progresso da humanidade por suas ideias “ultrapassadas”.

Para saber mais acesse:

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/idade-media-idade-das-trevas-periodo-medieval-durou-dez-seculos.htm>

Observe, por exemplo, a cidade de Bebbangurg (figura 1), representada na série da Netflix *O último reino* (2015-2023). Veja como foram utilizadas cores escuras, na maioria das vezes tons de cinza, para passar uma ideia de um tempo sombrio.

Figura 1 - A cidade de Bebbangurg



Fonte: <https://www.looper.com/1263375/entire-timeline-for-last-kingdom-explained/>.

Agora compare com essa imagem a seguir retirada do game *Kingdom Come Deliverance II* (figura 2), lançado em 2025 pelo estúdio Warhorse Studios. Repare, na segunda imagem, o uso das cores vivas, como o amarelo e o laranja, a organização das casas e das ruas e como essa imagem consegue transmitir melhor a ideia de

uma Idade Média viva. Como estes casos nos mostram, nem sempre aquilo que nós vemos nas obras de ficção conseguem representar com fidelidade todo um período histórico.

Figura 2 - Imagem representativa do jogo Kingdom Come Deliverance II



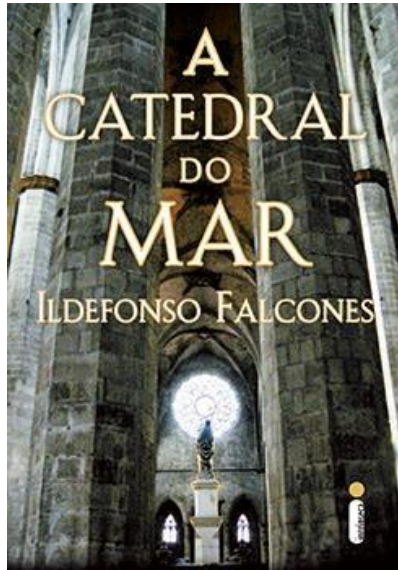
Fonte: <https://br.ign.com/kingdom-come-deliverance-ii/137717/news/kingdom-come-deliverance-2-deixa-claro-que-o-mundo-dos-jogos-foi-para-uma-direcao-errada-para-os-gra>.

## VAMOS NOS APROFUNDAR? O EXEMPLO DE REPRESENTAÇÃO NO ROMANCE A CATEDRAL DO MAR

*A catedral do mar* é um romance escrito pelo autor espanhol Ildefonso Falcones, publicado em 2006. Com um grande número de vendas dos livros ao redor do mundo e a produção de uma série na Netflix. A obra acompanha a jornada da família Estanyol para sair do campo e a busca por liberdade na cidade de Barcelona e a construção da catedral de Santa Maria do Mar. Falcones descreve a cidade de Barcelona no século XIV (1320-1384) viva, com transformações e conflitos reais ocorridos no reino de Aragão, na Espanha. Com personagens históricos reais e outros fictícios, o autor busca representar a Idade Média de maneira a colocar o leitor naquele tempo.

E as mulheres? Como o autor representa suas personagens? Em *A catedral do mar* as mulheres são representadas como submissas. Elas foram escritas para serem submetidas aos deveres impostos pelos homens, guiados pelos ensinamentos da Igreja Católica. Suas atividades ficam restritas ao cuidar da casa e da família, e mesmo quando buscam sua independência, são impedidas por diversos fatores. Porém, esta representação não consegue apresentar uma total condição do cotidiano da mulher na Idade Média, mas sim uma parcela que é impossível de negar que existiu, contudo não demonstra a sua totalidade.

Figura 3 - Capa representativa do romance “A catedral do mar”.



#### ILDEFONSO FALCONES

Nascido em Barcelona no ano de 1959, o escritor e advogado Ildefonso Falcones iniciou sua carreira em 2006 com o romance *A catedral do mar*. Outras obras publicadas pelo autor são *A rainha descalça*, *A mão de Fátima* e *Os herdeiros da terra*.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/catedral-do-mar-Ildefonso-Falcones-ebook/dp/B07J2MKPVH>.

Figura 4 - Imagem promocional da série da Netflix “A catedral do mar”.



Fonte: <https://filmow.com/a-catedral-do-mar-t261244/>.

#### VOCÊ SABIA?

O romance *A catedral do mar* vendeu 6 milhões de cópias somente na Espanha. Por conta de seu sucesso de vendas, foi produzido um seriado na Netflix em 2018.

COMO ERA A “ESPANHA” DO SÉCULO XIV?

Vale ressaltar que a “Espanha” medieval ainda não havia sido formada de acordo com o que nós a conhecemos hoje. Dividida em vários reinos, a Península Ibérica passou por diversas mudanças até chegarmos aos territórios que conhecemos hoje como Espanha e Portugal. Parte do seu território foi conquistada a partir de 711 por forças muçulmanas vindas do norte da África, levando cerca de 800 anos para a “retomada” do território pelos cristãos. No final da Idade Média, o território ibérico estava dividido em cinco reinos: Leão e Castela, Navarra, Aragão, Portugal e o reino muçulmano de Granada. O processo de unificação do território espanhol se iniciou em 1492, com a tomada do território de Granada pela Rainha Isabel de Castela.

Figura 5 - Mapa referente a Península Ibérica no século XII



Fonte: <https://app.estuda.com/questoes/?id=10636306>.

#### ATIVIDADE:

Durante a dominação muçulmana, várias áreas do conhecimento foram desenvolvidas no território da Península Ibérica. Estes conhecimentos foram essenciais, por exemplo, para as grandes navegações iniciadas no século XV. Pesquise e apresente uma dessas contribuições deixadas como herança muçulmana no território ibérico.

Para saber mais sobre as batalhas e o significado da “Reconquista” acesse:

<https://brasilecola.uol.com.br/tire-duvidas/por-que-atualmente-muitos-historiadores-contestam-o-uso-do-t/36344.html>

Figura 5 - Quadro A rendição de Granada (1882), por Francisco Padilha y Ortiz



Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:La\\_Rendici%C3%B3n\\_de\\_Granada\\_-\\_Pradilla.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:La_Rendici%C3%B3n_de_Granada_-_Pradilla.jpg).

## O QUE VOCÊ SABE SOBRE BARCELONA DA IDADE MÉDIA?

Criada durante o Império Romano (por volta do século III a.C.), a cidade de Barcelona foi uma importante cidade portuária durante toda a Idade Média. Durante o século XIV, Barcelona foi considerada um forte ponto comercial do reino de Aragão. O reinado aragonês, durante a Idade Média, disputou a soberania do comércio que estava em ascensão no Mar Mediterrâneo com algumas potências italianas como Gênova, Pisa e Veneza. Durante o mesmo período, no reinado de Pedro III, Aragão conquistou a ilha da Sicília na Itália em 1282 e, durante os séculos XIV e XV, conquistou a região da Sardenha, também na Itália.

Figura 6 - Mapa representativo da cidade de Barcelona.



Fonte: <https://www.clebinho.pro.br/wp/?p=10860>.

### MERCADO DA BOQUERIA

A história do Mercado da Boqueria, em Barcelona, começa no século XIII, fora dos muros da cidade medieval. Após várias reformulações durante o tempo, hoje o Mercado de Boqueria é um dos principais pontos turísticos culinários de Barcelona.

Para saber mais acesse: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/mercado-de-la-boqueria-barcelona.html>

Figura 7 - Mapa da cidade de Barcelona no século XVI, por Antony van den Wyngaerde.



Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Wyngaerde\\_Barcelona\\_1563.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Wyngaerde_Barcelona_1563.jpg). Acesso em: 16/07/2025.

Figura 8 - Imagem atual do bairro Eixample, em Barcelona.



Fonte: <https://ceotudent.com/en/all-about-la-sagrada-familia-140-years-of-history>. Acesso em: 16/07/2025.

## E A BARCELONA ATUAL?

Atualmente, a cidade que é capital da região da Catalunha, além de sua importância comercial, hoje é considerada um ótimo ponto turístico espanhol por conta de suas expressões artísticas, culinária e suas praias.

Como representante artístico de Barcelona, temos Joan Miró. Nascido em 1893, Miró foi um dos grandes nomes da pintura do século XX com sua arte surrealista.

Figura 9 - O Carnaval do Arlequim, por Joan Miró (1924).



Fonte: [https://www.joan-miro.net/harlequins-carnival.jsp#google\\_vignette/](https://www.joan-miro.net/harlequins-carnival.jsp#google_vignette/).

Na arquitetura, nascido em 1852, Antoni Gaudí, com suas obras baseadas nas formas da natureza, criou edifícios que são grandes exemplos da arquitetura modernista, como sua obra da Sagrada Família.

Figura 10 - A Sagrada Família, por Antoni Gaudí.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/787647/classicos-da-arquitetura-la-sagrada-familia-antoni-gaudi>

### VOCÊ SABIA?

O clube de Futebol Club Barcelona, fundado em 1899, não somente representa a cidade em campo, ganhando diversos títulos nacionais e internacionais, mas também fora de campo, gerando uma receita de 3 bilhões de reais para o turismo da cidade no ano de 2016.

Para saber mais acesse:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2016/12/barcelona-gera-r-3-bi-no-ano-e-e-motor-economico-e-turistico-da-cidade.html>

Saiba mais sobre a vida de Joan Miró em: <https://www.todamateria.com.br/joan-miro/>

Saiba mais sobre a vida de Antoni Gaudí em: <https://www.tudosobrebarcelona.com/antoni-gaudi>

## CATEDRAL DE SANTA MARIA DO MAR

Um dos personagens de maior destaque em *A catedral do mar* é a própria Catedral de Santa Maria do Mar. Localizada atualmente na Praça de Santa Maria, no bairro El Born, a catedral é um grande ponto turístico motivado também por conta da própria obra de Falconess. Diferente de outra catedral presente em Barcelona, presente no romance, construída e financiada pela nobreza e clero, a Catedral de Santa Maria do Mar foi arquitetada e paga pelo povo para o uso do povo. Construída durante os anos de 1329 a 1383, os responsáveis pelo trabalho pesado eram os bastaixos, que eram carregadores do porto de Barcelona que, no seu tempo vago, carregavam as pedras necessárias para a construção em suas costas da pedreira para a construção. Para seu auxílio, as mulheres trabalhavam somente levando água para beber e eram responsáveis pela limpeza da catedral.

### CURIOSIDADES:

A arquitetura da Catedral de Santa Maria do Mar é denominada como gótica. Este estilo arquitetônico foi popularizado durante os séculos XII ao XV e tem como principal exemplo a Catedral de Notre Dame, em Paris, França.

Para saber mais sobre a arte gótica, acesse:

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/arte-gotica.htm>

Figura 11 - Imagem do exterior da Catedral de Santa Maria do Mar.



Fonte: <https://destinodeférias.pt/barcelona-e-o-turista-mais-seguro-do-zodiaco-touro/>.

Figura 12 - Imagem do interior da Catedral de Santa Maria do Mar.



**ATIVIDADE:**

1) Observe a Igreja de sua cidade e pesquise sobre a sua construção:

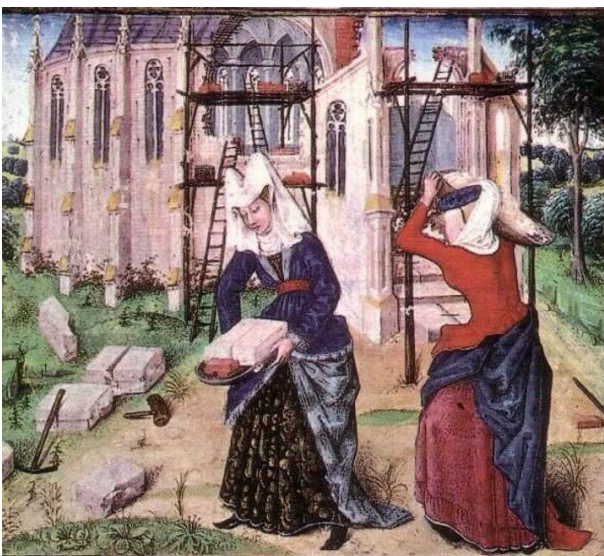
- a) Quando foi construída?
- b) Qual o seu estilo de construção?

Fonte: <https://www.alamy.com/interior-of-santa-maria-del-mar-church-barcelona-catalonia-spain-image416846800.html>.

## E COMO ERA A VIDA DAS MULHERES NA IDADE MÉDIA?

Os historiadores hoje conseguem demonstrar que o papel da mulher durante o período é bem mais diverso do que se apresenta. Sua presença na construção civil, por exemplo, pode ser uma diferença para este contexto. No século XIII, em Sevilha, Espanha, as mulheres trabalhavam como auxiliares de pedreiros e serventes para as construções de catedrais. Elas carregavam água, preparavam argamassa, cavavam valas e operavam maquinário, porém seu salário era a metade do que ganhavam os homens, com a desculpa de reduzir o custo da obra.

Figura 13 - Pintura Mulheres construtoras, de Roman Des Girart Von Roussilon (1447).



**PARA REFLETIR:**

1) Você se lembra de alguma personagem feminina de destaque durante a Idade Média? Se sim, descreva-a em poucas palavras.

Fonte: <https://chiefwritingwolf.com/2014/04/26/medieval-women-in-art/>.

Para saber mais sobre “a vida das mulheres na Idade Média” acesse: <https://super.abril.com.br/historia/a-mulher-medieval>

No campo, a divisão de responsabilidades entre o homem e as mulheres era igual: enquanto o homem cuidava da sementeira e da colheita, as mulheres e crianças juntavam os grãos, colhiam e cortavam as ervas e trabalhavam no moinho, além dos afazeres da casa. No caso dos camponeses, a divisão de tarefas era bem distribuída para garantir que sua residência não só produzisse o suficiente para a sua sobrevivência, como também garantisse a sua renda para o pagamento do senhorio.

O QUE VOCÊ SABE SOBRE RAINHA ISABEL DE CASTELA (1451-1504)?

Isabel de Castela foi a rainha de Castela durante 27 anos. Em seu reinado, ela foi responsável pela conquista do último território muçulmano na Península Ibérica, Granada, e financiou a viagem de Cristóvão Colombo a América.

Para saber mais acesse: <https://brasilecola.uol.com.br/his>

Figura 14 - Ilustração presente no livro Mui Ricas Horas do Duque de Berry (séc. XV).



Fonte: <https://artrianon.com/2017/01/24/obra-de-arte-da-semana-o-manuscrito-les-tres-riches-heures-du-duc-de-berry/>.

No caso das cidades, as oficinas familiares também possuíam a presença das mulheres, que aprendiam e realizavam os serviços que eram executados no local. Em sua residência, as mulheres eram as comandantes dos funcionários e seus afazeres, principalmente na ausência

### O QUE VOCÊ SABE SOBRE CRISTINE DE PIZAN (1364-1431)?

Cristine de Pizan foi uma filósofa que escrevia contra os trabalhos misóginos produzidos durante o período. Seu principal livro, *A cidade das damas*, por exemplo, conta a história de uma cidade composta por mulheres que querem se proteger das mentiras contadas sobre o sexo feminino pelos homens.

Para saber mais acesse:

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>

dos homens da casa. Nas universidades, as mulheres ocupavam seu espaço em discussões filosóficas, com destaque para Cristine de Pizan, em sua obra *A cidade das damas*.

Figura 15 - Cristine de Pizan em um manuscrito medieval, autor desconhecido.



Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Christine\\_de\\_pisan.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Christine_de_pisan.jpg).

### O QUE VOCÊ SABE SOBRE ELEONOR DA AQUITÂNIA (1122-1204)?

Rainha e regente dos tronos da Inglaterra e França, Eleonor foi uma das mulheres mais poderosas de sua época. A sua influência nos dois reinos mais poderosos da Europa Medieval garantiu a sua independência diante da situação do patriarcado, e mesmo após ser afastada dos seus afazeres na realeza, escolheu seu destino ao ir para o convento por conta própria.

Para saber mais acesse:

<https://www.worldhistory.org/trans>

### O QUE VOCÊ SABE SOBRE HILDEGARD DE BINGEN (1098-1179)?

Hildegard de Bingen foi uma abadessa beneditina que desenvolveu importantes trabalhos dentro da Igreja Católica. No livro *Scivias*, por exemplo, ela retrata as suas visões do divino para mostrar a sua interpretação da religião, além de suas contribuições para a música e medicina.

Para saber mais acesse:

<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-18094/hildegard-de-bingen/>

Para o clero, a mulher durante a Idade Média teria que assumir um papel submisso ao homem na sociedade, pois ela

era vista como um mal a ser controlado por seu pai ou marido. Deste modo, a Igreja Católica

utilizava a Virgem Maria como modelo de mulher exemplar, digna de ser celebrada. Porém, na prática, as mulheres poderiam assumir posições de poder dentro da própria Igreja, neste caso no convento, que possuía para gerenciar a sua própria produção agrícola e monetária, atraindo as mulheres nobres a viverem fora do comando masculino por meio da religião.

Figura 16 - Hildegard de Bigen, gravura feita por W. Marshal (1642).



Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Engraving:\\_German\\_abbess\\_and\\_physician\\_Hildegard\\_von\\_Bingen\\_Wellcome\\_L0005783.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Engraving:_German_abbess_and_physician_Hildegard_von_Bingen_Wellcome_L0005783.jpg).

## ATIVIDADES

1) Formem grupos de 3 ou 4 pessoas e selecione um dos contos acima para leitura. Após a leitura, com poucas palavras, use a imaginação para criar uma história de como seriam suas vidas se vivessem na Idade Média.

### **Masía de Rodrigo Garcia**

#### **Navarcles, principado da Catalunha, 1322**

Na masía dos Garcia, vivia Catarina, uma jovem de 14 anos. Sua vida era baseada em sua rotina diária no campo, ajudando sua mãe com as obrigações domésticas, enquanto seu pai se ocupava das tarefas no campo, buscando sempre uma colheita satisfatória para seu sustento, além do pagamento pelo uso de suas terras para seu senhor feudal.

Porém, a atividade que Catarina mais demonstrava prazer era ir ao forno local para assar a massa dos pães que sua mãe havia feito. E era uma loucura! Pessoas andando de um lado para o outro, soldados em guarda, homens e mulheres realizando trocas de seus produtos. Porém, para a jovem garota, todo aquele movimento nas terras principais de seu senhor era algo de encher os olhos de uma simples garota camponesa. A sua imaginação, contudo, ia além do feudo para a cidade de Barcelona. Como esta garota sonhava com a cidade! A visão do mar, o porto carregado de mercadorias, as feiras e as grandes igrejas! A palavra “liberdade” para Catarina, A sonhadora, fez com que a garota se imaginasse morando neste turbilhão de emoções provenientes de uma cidade.

Mas nem tudo na vida de Catarina era motivo para ser celebrado. Seu pai, desejando seu casamento com o jovem Juan Lopez, herdeiro de um grande lote de terras, planejou a união entre os dois com o olhar ganancioso no que poderia lhe render um bom dote, além da possibilidade do uso das terras de seu genro com este casamento arranjado para o décimo sexto ano de vida de sua filha.

O destino, porém, guarda sempre uma caixinha de surpresas e não foi diferente para Catarina. Seis meses antes de seu aniversário de dezesseis anos, tão aguardado pelo seu pai, seu coração palpitou mais forte ao ver António, um jovem rapaz de sua idade que estava treinando como escudeiro no campo de treinamento. Um cavaleiro! Pensou ela, ao vê-lo treinar com uma espada e escudo de madeira com um soldado bem mais velho que ele.

O garoto, sem chances de vitória, acabou por perder a pequena batalha travada na arena de treinamento, machucando sua perna direita. Catarina, como havia tratado os ferimentos de seus irmãos mais novos enquanto brincavam de soldados, aproximou-se do rapaz e lhe ofereceu ajuda com seu machucado.

Com um sorriso tímido no rosto, António agradeceu a ajuda e perguntou o nome daquela jovem garota que havia lhe curado. Após o pequeno incidente, Catarina sempre buscava escapar de suas tarefas na casa para ir visitar seu “príncipe encantado”, que ainda não dominava nem a arte da espada, muito menos o domínio dos cavalos de guerra. Porém, ao se aproximar cada vez mais de seu aniversário, seu pai lhe disse a notícia que iria mudar sua vida para sempre: seu casamento estava se aproximando. Casamento! Com um homem que não conhecia, para viver para sempre em uma casa que jamais seria sua, em terras cuja única função seria agradar seu marido.

O sorriso contagiante da garota sumiu. Seus sonhos com Barcelona foram diminuindo com o tempo. Seu príncipe agora causava medo e desespero. Sua chance de liberdade acabou. Presa em seu quarto por seu pai, sem direito a ir visitar seu amor, a tristeza dominava seu ser.

Viver com um desconhecido, sem ao menos um pingo de sentimento por ele, não era nem de longe seu desejo.

Em uma noite de luar, enquanto chorava de desespero, Catarina escutou pequenos barulhos em sua janela e, com curiosidade, a abriu, revelando-se aquele que fazia seu coração bater mais rápido. António! Fugindo de seus deveres na guarda, o jovem visitou sua amada para ver o que estava acontecendo e então o choque da notícia o abalou. Seu amor iria se casar. No auge da loucura, ele propôs então que fugissem e vivessem juntos, felizes para sempre, contudo, Catarina sabia como os romances proibidos acabavam, e não havia nada de feliz nestes fins. Conformada com seu destino, exigiu que o garoto fosse embora e que não voltasse mais.

Então, o dia do casamento chegou. A família de Catarina estava presente e o noivo já estava a caminho. Sua mãe já havia preparado o vestido e estava pronta para arrumar sua filha para o tão esperado dia. Bateu na porta do quarto uma, duas, três vezes e não obteve resposta. Preocupada, chamou seu marido para averiguar e, após um bom tempo, cansado de esperar, arrombou a porta do quarto e, para sua surpresa, sua filha não se encontrava lá! Gritando, quebrando objetos da residência, extremamente nervoso com a situação, colocou todos os seus convidados a procurar por Catarina.

Enquanto isso, a alguns quilômetros de distância estavam Catarina e António, montados em um velho pangaré roubado, somente com a roupa do corpo, pouco dinheiro e um sonho: viver na cidade por um ano e um dia para conseguir suas tão sonhadas liberdades e casarem por simples e puro amor, não igual aos fantasiosos príncipes e princesas, mas como cidadãos de Barcelona.

## **Residência dos Fernandes**

### **Cidade de Barcelona, 1343**

Isabel Fernandes é casada com Eduardo Fernandes, dono de uma grande produção de vestimentas na cidade de Barcelona. Ela, já com seus vinte e cinco anos, vive uma vida na alta sociedade barcelonesa, com seu comportamento endurecido durante o processo devido as intensas disputas no campo político nesta vida da nova corte medieval, agora presente no cenário mercantil das cidades.

Seu pai, dono de navios mercantis e conseqüentemente possuidor de grande influência no porto, a casou com Eduardo visando o aumento dos produtos comercializados principalmente na região do mar Mediterrâneo, alvo de grande disputa entre os polos como

Barcelona e Gênova. Isabel, com suas habilidades comunicativas ensinadas por sua mãe, além da sua visão de grandeza e ascensão na sociedade enxergou em seu marido a oportunidade perfeita para realizar seu sonho.

Mesmo os dois jovens, com apenas quinze anos, o casal já demonstrava sobriedade em relação às suas funções. Eduardo, ainda aprendendo os negócios do pai, já participava das reuniões de negócios e estudava todo o sistema de câmbio e valores das diversas moedas existentes, além do treinamento com a espada e armadura, sua verdadeira paixão. Enquanto isso Isabela, junto de sua sogra, aprendia os deveres e responsabilidades da mulher no controle da residência e dos funcionários dos teares, porém sempre espiando os livros de lucros e despesas do negócio, além dos nomes dos parceiros de negócios da família, para no futuro, quando Eduardo assumisse o cargo de chefe da família, suas funções não fossem somente cuidar da casa, mas sim ser parceira de negócios de seu marido, o que não demorou a acontecer.

O pai de Eduardo, no ano de 1340, faleceu devido a um acidente enquanto cavalgava, e como Eduardo era seu filho único, herdou suas propriedades. Sua mãe, sem o desejo de se casar novamente, retirou-se para a casa de campo do casal, vivendo os seus anos restantes em paz, fora de Barcelona. Agora, com vinte e dois anos, Eduardo e Isabel precisavam colocar em prática tudo aquilo que lhes foi ensinado e não só prosseguir o legado que foi deixado, mas também construir os seus próprios.

Porém, em 1343, o rei de Aragão condenou Jaime III de Maiorca e a guerra se aproximava. Os soldados de Barcelona se amotinavam na cidade e Eduardo não demorou para pegar em armas para lutar buscando a glória dos guerreiros. Isabel, com seu filho ainda jovem de dez anos, viu seu marido ir para sua primeira batalha sem ao menos saber se poderia voltar vivo. O desespero tomou conta de seu coração. Seu filho chorando ao ver o pai cavalgando para longe, já com saudade, piorou a situação que já estava difícil. Após quatro meses de incursão, a host barcelonesa voltava para casa, porém o pior foi dito para Isabel: seu marido faleceu devido a um ferimento de flechas que o atingiram.

Seu mundo despencou por um instante com a tristeza da notícia. Seu relacionamento poderia ter sido escolhido inicialmente não por amor, mas por decisões de negócios, porém Isabel aprendeu a amar aquele homem como nenhum outro. Sua inteligência, força e alegria preenchiem o seu coração de uma maneira tão intensa que não imaginava ter que se casar novamente. Contudo ela já sabia de seu destino, ou seria forçada a se casar novamente pela Igreja ou seria enviada para o convento.

Mas nenhuma das duas opções era viável e então decidiu a rota mais difícil ao se tornar regente dos negócios de seu marido até que seu filho possa tomar a posse. Suas observações

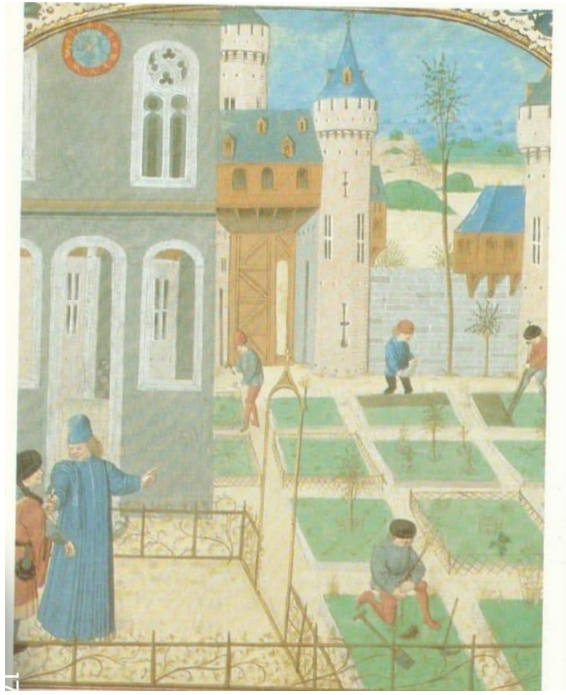
nos números das transações, sua presença na fabricação dos tecidos e conversas constantes com os parceiros dos negócios da família mantiveram o legado de seu marido vivo por mais cinco anos, quando seu filho, já com quinze, assumiu sua herança não por opção de Isabel, mas por pressão da Igreja com um novo casamento. Agora, já com trinta anos, ela não possuía intenção alguma de se casar novamente para respeitar aquele que foi o seu verdadeiro amor, então decidiu se retirar para um convento após ensinar tudo o que sabia para seu filho.

Neste mesmo momento, uma tragédia abateu-se sobre Barcelona, algo com proporção nunca antes vista: a peste! Isabel, agora como freira, não parava de pensar em seu filho, enquanto a mortandade ceifava a vida de milhares de pessoas na cidade. Porém, com suas atuações focadas em ajudar os enfermos da melhor maneira possível, só poderia rezar pela saúde de seu filho. Quando o pior momento passou, Isabel se candidatou ao cargo de priora no convento e por unanimidade foi eleita, enquanto seu filho, mesmo sendo jovem, com enormes dificuldades, conseguiu manter o legado de seu pai vivo, mesmo que em tamanho bem reduzido devido às perdas derivadas da peste.

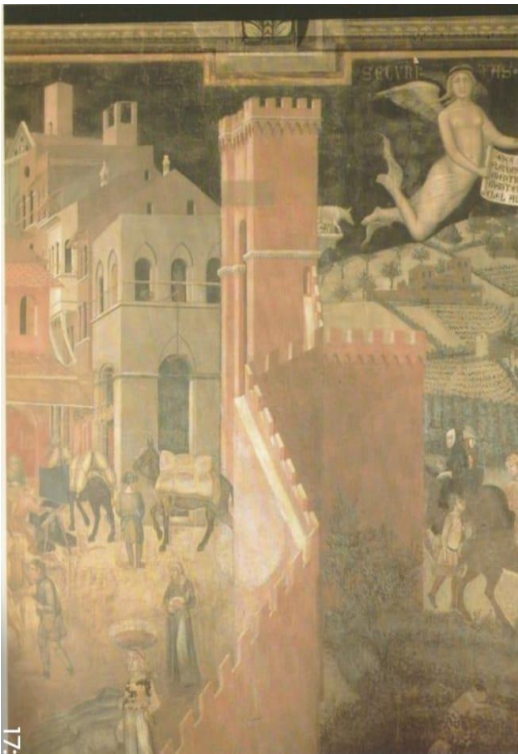
Como priora, Isabel desenvolveu o convento a uma total autonomia, com atividades econômicas garantindo seu priorado como o mais rentável da região. Mesmo que sua vida tenha se desenrolado para tal conclusão, uma não desejada por Isabel, ao ver seu filho lutar incansavelmente para manter sua herança de pé e suas realizações como líder religiosa, ainda sim viveu até os seus últimos dias feliz, mesmo com a imensa saudade de sua família.

2) De acordo com Jaques LeGoff, em seu livro *Por amor às cidades*, as cidades contemporâneas estão mais próximas às cidades medievais do que as antigas. Com a presença do comércio, empregos, festas, bares ou tavernas e escolas, o que diferencia suas características é o tempo. Apesar das grandes diferenças de construções e tecnologias, observe as imagens abaixo e as pinturas da Idade Média com as fotos das cidades atuais. Com o mesmo grupo do exercício anterior, identifique quais são atividades realizadas nas imagens e as compare, identificando suas semelhanças e diferenças e como você enxerga a vida das pessoas nesses diferentes tempos.

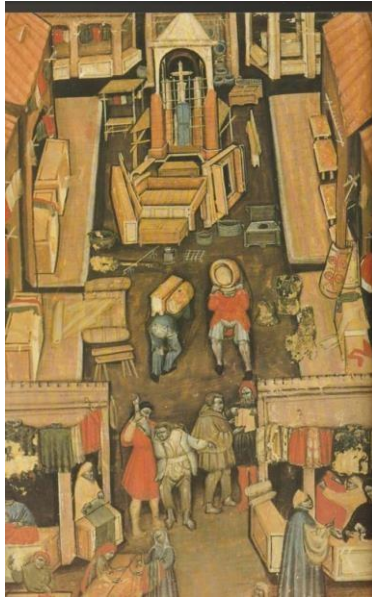
a)



b)



c)



### 3 DESENVOLVIMENTO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

#### 3.1 ILDEFONSO FALCONES E SUAS CARACTERÍSTICAS

A presente pesquisa, que será apresentada com o tema as representações das personagens femininas na obra *A catedral do mar*, pretende analisar como o escritor e advogado Ildefonso Falcones desenvolve o seu universo medieval, em específico a cidade de Barcelona no século XIV, a partir do conceito de medievalismo. De acordo com Lorena da Silva Vargas (2021, p. 9), o medievalismo é “tudo o que é criado a respeito do medievo na modernidade e na contemporaneidade, seja no âmbito científico, com a História, a História da Arte, a Filosofia, ou no âmbito ‘popular’, no qual o imaginário do tempo presente difunde uma imagem de Idade Média por meio do cinema, das séries, dos jogos eletrônicos, dos ritos, dos discursos políticos etc.” Analisando a obra de Falcones, é possível encontrar estereótipos que constroem no imaginário do leitor a ideia de uma Idade Média única e imutável, cujas ações humanas consistem em seguir padrões pré-determinados, nesse caso pelo gênero, já que o papel da mulher é caracterizado pela subordinação total ao patriarcado e aos costumes impostos pela Igreja Católica.

O autor, para a construção narrativa, utiliza a cidade de Barcelona como uma personagem viva e mutável durante a história, cujas características principais vão se alterando e adequando ao tempo narrativo que o mesmo pretende descrever. Barcelona como “uma cidade medieval livre” que luta por seu espaço comercial com outras cidades italianas no Mediterrâneo<sup>1</sup>, além de conflitos internos no próprio reino de Aragão e com o reino de Castela, são uma camada importante para a formação de uma cidade com sua economia baseada no comércio e suas relações com os personagens, que se adequam as políticas internas e externas desse ambiente para buscar a sua sobrevivência (Falcones, 2017).

A obra foi escrita originalmente em castelhano, o que pode causar certa estranheza, já que tanto a origem da história como seu autor são catalães, dois fatores podem ter influenciado a adoção da língua castelhana. Por um lado, ao escrever em castelhano, o autor conseguiria

---

<sup>1</sup> De acordo com Patrick Gilli (2011, p. 267), as cidades italianas de Pisa, Gênova e Veneza dominavam o comércio marítimo no Mediterrâneo a partir do século XII, principalmente pelo exercício de suas atividades mercantis e manutenção de uma frota guerreira capaz de defender seus interesses e prestar serviços à outras nações. A cidade de Barcelona, de acordo com Falcones (2018, p. 58), no início do século XIV já possuíam o domínio da Sicília e Sardenha, garantindo o controle do território Mediterrâneo Ocidental, forçando a cidade italiana de Gênova a declarar guerra contra Barcelona pela conquista do território. Esta guerra e relatada no romance escrito por Falcones, demonstrando o uso dinâmico do autor de Barcelona e suas políticas internas e externas no século XIV.

alcançar um público maior, inclusive fora da Espanha. Por outro, essa escolha pode estar relacionada à política linguística adotada pelo franquismo (1935-1379)<sup>2</sup>, a partir da sua vitória na Guerra Civil Espanhola (1936-1939)<sup>3</sup>, que proibiu o ensino do catalão nas escolas, o que pode ter afetado o aprendizado dessa língua pela geração de Falcones. Somente no ano de 1979, o retorno do catalão ao ensino foi possível novamente, como aponta Carmen Vila Cardona:

Com a vitória franquista na Guerra Civil, o catalão foi proibido e penalizou-se o uso público. Esta política repressiva relaxou-se nos anos cinquenta, no momento em que o regime conseguiu consolidar o poder, graças à eliminação dos inimigos e ao reconhecimento por parte dos Estados Unidos. No entanto, o catalão continuou sendo uma língua submetida até ao fim da ditadura. Com a democratização da Espanha põem-se em marcha processos de autonomia das distintas regiões. Neste panorama o catalão alcança de novo o status de língua oficial na Catalunha. Nesse momento começa um processo tendente a converter o catalão outra vez numa língua plenamente funcional. Sob a base do estatuto de autonomia de 1979 e da “Llei de normalització lingüística”, de 1983, reelaborada, em 1998, como “Llei de política lingüística”, se introduz o catalão em todos os âmbitos elevados, como a escola, os meios de comunicação, a ciência, a administração, etc. Os maiores problemas para esta recatalanização expõem-nos os grandes grupos de emigrantes, que formam uma boa parte da povoação nos núcleos industriais. Apesar desta situação e dado que o catalão é na Catalunha a língua de ascensão social, deveria chegar a conseguir-se entre esta povoação também um bilinguismo castelhano – catalão, conforme dá conta Entwistle (1969) (Cardona, 2010, p. 33)

A escolha linguística gerou consequências ao autor, como dito por ele mesmo em entrevista dada a David Morán. Ao escrever suas obras em castelhano e não em catalão, língua de origem de Barcelona, Falcoes (2013) passou a sofrer críticas pelas autoridades catalãs por sua decisão, que resultou em várias recusas de convites para eventos de premiação ou reconhecimento de sua escrita. De acordo com Felix Lozano Medina, ao citar Montserrat Roig, pode ser verificado um pouco dessa política:

Montserrat Roig, em 1977, no seu artigo “Escriure en castellà a Catalunya”, fala sobre a problemática dos escritores catalães depois dos anos da ditadura na Espanha (1939-1975), sobretudo em relação ao problema de identidade com referência ao idioma de escrita. Para ela, falar que são escritores catalães somente os que escrevem e publicam suas obras de criação em catalão é um erro de perspectiva histórica, e nesse momento faz uma divisão dos escritores catalães que escrevem em língua espanhola (ou castelhana). De acordo com a autora, em primeiro lugar estão “els botiflers”, que escrevem em catalão até a chegada da ditadura em 1939. Neste momento foram do lado vencedor e mudaram de língua, renunciando a sua identidade por motivos políticos e conjunturais. Em segundo lugar estão os que nasceram na Catalunha ou chegaram bem novos, mas não tiveram acesso à cultura catalã, nem nos livros, nem na escola, nem na Universidade, escrevem na sua língua materna, o castelhano, porém no contexto catalão; eles podem ser considerados escritores catalães, pois eles mesmos têm vontade de pertencer à cultura catalã. Por último estão as elites da burguesia, principalmente de Barcelona, que não têm interesse nenhum pelo catalão,

<sup>2</sup> Nome dado a ditadura estabelecida pelo General Francisco Franco na Espanha durante o século XX. Neste caso, a data de nascimento de Falcones (1959) com sua época de estudante coincidem com os anos da ditadura franquista.

<sup>3</sup> Conjuntos de batalhas no território espanhol entre as forças do exército que aplicaram um golpe de estado e os republicanos, arrastando toda a população espanhola para o conflito. Para mais informações ver Buades (2011)

pela cultura catalã e, ainda que conheçam e/ou falem catalão, não têm interesse em defender nem o idioma nem a cultura catalã contra o franquismo; esses não merecem pertencer à cultura literária catalã porque eles não querem pertencer. (Medina, 2018, p. 99-100)

Essa controvérsia em relação à escrita do livro, lançado originalmente em 2006 na Espanha pela editora Grijalbo, que pertence ao grupo editorial Penguin Books S. Apode ser estendida para o que estava ocorrendo na região da Catalunha durante o período. A oficialização do território como “nação” no mesmo ano, definindo o desejo de separação da Espanha, iniciou uma onda de conflitos nas relações entre os governos, já que os partidos espanhóis e catalães pró-Espanha revogaram o título em 2010 afirmando que a única nação existente era a Espanha, como mostra Mariana Dexheimer Cappelatti (2018, p. 16). Estas demandas se iniciaram na década de 2000, cuja colisão de centro esquerda é formada pelos partidos CiU (*Convergència i Unió*), composta pelo CDC (*Convergència Democràtica de Catalunya*) e pelo UDC (*Unió Democràtica de Catalunya*), com seu líder Jordi Pujol (Cappelatti, 2018, p. 11).

Capellatti descreve o desejo do CDC, partido dominante desta coalisão, ao buscar a autonomia da região, com o foco em assegurar a identidade catalã perante os costumes espanhóis, além do fortalecimento político e financeiro da região aliado ao apoio popular das manifestações ocorridas nas ruas de Barcelona favoráveis à independência:

Para o CDC, a Catalunha é uma nação “com seus próprios antecedentes culturais, históricos, linguísticos, simbólicos e institucionais, que deve ser conciliado com as mudanças geradas pela globalização e a revolução tecnológica para se tornar um legado funcional e valioso para as gerações futuras” (Guibernau, 2004, p. 126, tradução livre). Assim, para o CDC, em suas bases enquanto partido, o nacionalismo demonstra-se uma importante parte da cultura catalã, dando a ela um impacto progressista e democrático, visando sempre o desenvolvimento do bem-estar da coletividade nacional, principalmente em termos sociais e culturais. Um de seus objetivos imediatos é a defesa, proteção e fortalecimento da identidade catalã, obter o maior grau de liberdade política e de autonomia possíveis, mas com disposição para regenerar a Espanha. Além disso, o partido reconhece a Catalunha dentro da dimensão da União Europeia, desejando uma participação maior e mais ativa dentro da esfera do bloco. (Cappelatti, 2018, p. 14)

Pouco se sabe sobre a opinião de Falcones a respeito da luta de independência catalã, já que suas entrevistas em grande parte são para divulgação de suas obras, com focos nas suas narrativas. Suas opiniões e lado político acabam tornando-se incertos. Contudo, na entrevista para David Morán é possível ter um vislumbre posicionamento de Falcones em relação ao conflito:

É o maior erro que estamos a cometer. Penso que, a nível indenitário, cultural e linguístico, somos totalmente independentes. Veja, se somos independentes, que não se cumpra as sentenças do Supremo e estamos todos contentes. E agora, sejamos sinceros, o que eles querem é dinheiro. Poder econômico. E reparem, nos últimos oito

anos de governo tripartido, o déficit público quadruplicou e as contas da Catalunha não estão equilibradas, pelo que penso seria a maior catástrofe para os catalães. Os políticos tranquilos, pois seguirão recebendo. Mas os catalães... Nós catalães sofremos um desastre econômico. Parece-me que Pujol já disse que vamos precisar de mais uns anos para nos reerguemos. Mas eu não quero hipotecar meu futuro. Nem o meu, nem dos meus filhos. Não há um só economista de prestígio que veja isso como viável. (Falcones, 2013, tradução nossa)<sup>4</sup>

A partir deste posicionamento, Falcones evidencia sua insatisfação perante o movimento separatista, porém não foi possível encontrar outras fontes que corroboram com uma visão concreta sobre a temática discutida pelo autor, além de ocasionar dificuldades em apontar com exata precisão sobre seu pensamento político e ideológico, deixando a cargo somente o que foi dito na entrevista citada acima.

### 3.2 FONTES DO ROMANCE

O romance *A catedral do mar* é uma ficção desenvolvida a partir da Crônica de Pedro o Cerimonioso (1336-1387) (Falcones, 2018, p. 569), rei de Aragão (leste da Espanha) no século XIV. O tempo de escrita de sua crônica com o romance parecem não coincidir, pois *A catedral do mar* inicia-se no ano de 1320, antes do início do reinado de Pedro, o Cerimonioso. Porém, de acordo com Luciano José Vianna (2013, p. 143-144), os relatos da crônica não foram escritos somente sobre os seus anos no governo, mas também de seus antepassados. Vale ressaltar também que nas notas de Falcones, é dito que seu romance é baseado nas crônicas de Pedro III porém esse título é dado em relação a cidade de Barcelona e não ao reino de Aragão (rei Pedro IV, o Cerimonioso, rei de Aragão; rei Pedro III de Barcelona e rei Pedro II de Valência). Em uma das versões traduzidas deste texto feita em 1850, por Antonio de Bofarull (1850, p. 16), o tradutor evidencia seu desejo por resgatar a história da Catalunha e seus grandes líderes, para demonstrar suas glórias passadas, assim reforçando o seu posicionamento

---

<sup>4</sup> No original “Es el mayor error que estamos cometiendo. Creo que a nivel identitario, cultural y lingüístico somos totalmente independientes. Fíjate si somos independientes que no se cumplen las sentencias del Supremo y estamos todos encantados. Y ahora, hablando claro, lo que se quiere es la pasta. El poder económico. Y mire, en los últimos ocho años del tripartito el déficit público se multiplicó por cuatro, y las cuentas de Cataluña no están cuadrando, así que considero que sería la mayor catástrofe para los catalanes. Los políticos tranquilos, que seguirán cobrando. Pero los catalanes... Los catalanes viviremos un desastre económico. Me parece que Pujol ya dijo que tardaríamos unos cuantos años en volver. Pero yo no quiero hipotecar mi futuro. Ni el mío ni el de mis hijos. No hay un solo economista de prestigio que vea esto viable.

positivista, corrente historiográfica do século XIX que buscava o retorno dos grandes heróis do passado como modo de afirmar a construção de uma nacionalidade<sup>5</sup>.

De acordo com Vianna (2013, p. 45-46), esta crônica foi escrita para o uso como instrumento político de afirmação, cujo âmbito era não só relatar as suas realizações, mas evocar também a memória dos antepassados do rei, utilizando-se dos feitos e memórias destes para construir e consolidar seu reinado, como no caso do confisco de Maiorca, citado também no romance. Neste sentido, tanto Bofarull quanto Falcones retornam ao passado do reinado de Pedro, o Cerimonioso para representar um tempo áureo da Catalunha, obviamente cada um com seu objetivo de retorno a Idade Média.

Como dito por Falcones (2017) em uma entrevista dada ao canal do Youtube Revista Leemas de Gandhi, outras fontes foram consultadas no acervo de Barcelona para a construção de sua obra. As leis descritas no romance foram baseadas no conjunto de leis catalãs denominadas *Usatges*<sup>6</sup> e a grande maioria dos eventos descritos em relação as mulheres e camponeses foram retiradas da obra *Lo cretiá*<sup>7</sup>, escrita pelo monge franciscano Francesc Eiximenis (Falcones, 2018, p. 569-570).

Este mundo literário criado a partir desta documentação, permite que o leitor tenha acesso a novas sensibilidades. Como apresenta Sandra Jatahy Pesavento, um artigo histórico não consegue exprimir, abrindo espaços de interpretações diferentes de um período histórico:

O mundo da ficção literária — este mundo verdadeiro das coisas de mentira — dá acesso para nós, historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de “real acontecido”, mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam. A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja,

<sup>5</sup> Esse conceito é dito por Júlio Valdeón Baroque (2002, p. 318), que aponta em seu texto como que o resgate da Idade Média foi importante para os movimentos nacionalistas para afirmar suas identidades por meio da origem de criação do seu Estado

<sup>6</sup> Conjunto de “leis” criadas na Catalunha durante o século XII baseadas no livro visigótico *Liber Judiciorum*. Adaptando-se para a região, os *Usatges* representavam para os vassallos um código de “direitos e deveres” medievais. De acordo com Donald J. Kagay (1995, p. 45), o senhorio deveria fornecer ao vassallo reparação, justiça, apoiar os oprimidos e vir em auxílio dos sitiados, enquanto os vassallos deveriam obedecer aos serviços prescritos, caso contrário suas terras seriam tomadas. Uma das leis citadas por Falcones, sobre o casamento após o abuso sexual, como ocorreu com Mar, foi traduzida por Kagay (1995, p. 90). Outra lei traduzida por Keagay (1994, p. 105) fala sobre a viuvez, que retrata como possível uma viúva herdar as terras de seu falecido esposo, desde que não tenha cometido adultério. Falcones (2018, p. 569) aponta em sua obra a o direito do senhorio de se deitar com a noiva na primeira noite, porém esta lei é problemática, já que a sua existência pode ser questionada.

<sup>7</sup> Francesc Eiximenis (1330-1409) ao escrever sua obra *Lo Crestiá* (O Cristão), buscou por meio desta enciclopédia maneiras de ensinar o cristão a salvar sua alma. Escrita em capítulos, a enciclopédia escrita pelo monge demonstra a sua visão sobre as mulheres na época e como o conceito aristotélico estava presente. De acordo com José Luiz Martin (2003, p. 22-25), Eiximenis concebia o papel da mulher em relação ao homem com inferioridade, além de ensinar o comportamento ideal para as mulheres durante o século XIV.

houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção. Mais do que isso, o texto literário é expressão ou sintoma de formas de pensar e agir. Tais fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância. (Pesavento, 2006, p. 8)

Neste sentido, o conceito de medievalismo retoma a discussão, já que a reconstrução da Idade Média na contemporaneidade, de acordo com Beatriz Faria (2021, p. 31) surge mediante aspectos sociais e políticos que não eram compreendidos na época da Idade Média, para então recuperar e reconstruir o passado para representar aquilo que o autor gostaria de apresentar ao público sobre a sua visão sobre o período. Apesar de ter características subjetivas na sua construção, vale ressaltar que no medievalismo ocorre o uso historiográfico da Idade Média, porém com adaptações necessárias para a construção de uma ficção histórica.

Na referida entrevista concedida à David Morán, Falcones (2013) descreve os seus principais objetivos ao escrever os romances: a diversão, sem a necessidade de lecionar ou ensinar algo para seus leitores, a evasão do tempo presente para um passado medieval para levar o leitor ao mundo fictício, onde o autor consegue criar encontros e desencontros entre os personagens, que demonstram as relações humanas relacionadas ao amor, traição, violência, guerra e família, além das relações temáticas que se encontram durante a Idade Média entre religião, reis e a burguesia. Neste sentido, Falcones busca situar o leitor na cidade, mostrar as suas curiosidades, as características presentes e todas as circunstâncias presentes nesta Barcelona medieval para dar vida aos seus livros. Pode-se discutir inclusive o debate feito em relação a construção literária moderna, como aponta Leyla Perrone-Moisés:

Os escritores de hoje têm uma visibilidade pessoal maior do que em épocas anteriores porque são incluídos na categoria de “celebridades”, e os mais “midiáticos” tem mais chances de vender livros, independentemente do valor de suas obras. Ao mesmo tempo, nos debates teóricos, assistimos a defesa da “literatura de entretenimento” (nas palavras de Arendt, “preparada para consumo fácil”), contra as exigências daqueles que ainda têm uma concepção mais alta da literatura. (Perrone-Moisés, 2016, p. 33)

Essa crítica voltada para a “literatura de entretenimento” feita pela autora é estendida para a ficção, cuja ideia surge da utilização da ficção como fuga de realidade e a poesia como “inuntensílio” por conta do mercado (Perrone-Moisés, 2016, p. 37). Analisar *A catedral do mar* neste sentido, é verificável que a intenção do autor ao escrever a narrativa é concentrada neste mercado consumidor e, como complemento, suas falas reforçam este ponto ao fato que a sua escrita é focada na diversão e no entretenimento.

Contudo, a visão do público para uma obra como *A catedral do mar* não se sustenta somente na concepção do romance como objeto de entretenimento. Com a utilização de fontes e uma construção narrativa de reconstrução histórica, Falcones acaba transmitindo para seu leitor uma ideia de Idade Média que instiga o seu imaginário sobre os acontecimentos no romance. O autor, por mais que tenha a liberdade criativa de escrever sua obra como bem desejar, ao pensar em levar seu romance para a sala de aula, deve-se ter o cuidado de não reforçar alguns estereótipos criados pelo conceito de Idade das Trevas em relação a Idade Média para pensar alguns personagens.

### 3.3 A CATEDRAL DO MAR E SEUS PERSONAGENS

*A catedral do mar* é um romance escrito por Ildefonso Falcoes em 2006 e traduzido no Brasil em 2018 pela editora Intrínseca. Este romance se passa durante o século XIV na cidade de Barcelona e seus arredores, principalmente a construção da Catedral de Santa Maria do Mar, construída pelo povo e para o povo. Acompanhando os membros da família Estanyol, Falcones procura reconstruir a Catalunha medieval, apresentando seus costumes e tradições no período.

Em *A catedral do mar*, o autor por meio dos personagens da família Estanyol, Bernat e Arnau, busca demonstrar uma vida dura e injusta de camponeses e cidadãos de Barcelona, provocadas pelos “senhores feudais”<sup>8</sup> e burgueses que ascenderam economicamente na cidade por meio do comércio. As batalhas diárias de Bernat para criar seu filho Arnau, após ter sua esposa abusada e raptada pelo senhor feudal Llorenç de Bellera, se situam no campesinato e são levadas a prometida “liberdade” oferecida aos camponeses que buscavam moradia na cidade. Após um ano e um dia de trabalho sem remuneração, beirando a escravidão, Bernat consegue a sua liberdade e de seu filho, porém anos passaram e não houve uma melhora financeira para esta família. Posteriormente, uma crise alimentícia atinge os cidadãos, os forçando a se rebelar contra o palácio que estava segurando os grãos para a nobreza. Bernat, líder da revolta, acaba sendo preso e morto na força pelos soldados.

Agora, Arnau e seu irmão adotivo Joan, precisaram buscar seu sustento. O primeiro irmão conseguiu um trabalho como bastaixo (carregador de mercadorias no porto) e o segundo

---

<sup>8</sup> Esta sentença “senhor feudal” foi por muitos anos utilizada para caracterizar o senhorio ou o dono das terras durante a Idade Média. Contudo, de acordo com Diego Carlo Améndolla Spínola (2019, p. 3), a ideia de feudalismo foi criada pelos estudiosos no século XVIII para encontrar e denominar a instituição governamental predominante nos anos anteriores. Neste caso, ocorreu a generalização governamental da Europa medieval que não se aplicava a realidade do período, pois nenhuma descrição de feudalismo encaixava com perfeição em toda a Europa Ocidental. Falcones em sua obra ainda faz o uso do termo, por esta razão foi feita o uso do termo “senhor feudal”.

iniciou seus estudos em um mosteiro dominicano. Ao chegar em seus dezoito anos, Arnau ajuda uma família de judeus que buscavam escapar de uma turba enfurecida que os culpava da peste bubônica, conseqüentemente criando laços com esta família, recebendo uma mesa de câmbio de moedas de seu patriarca como recompensa pelo resgate, garantindo-lhe um trabalho financeiro de grande importância comercial para a cidade para o restante de sua vida. Já Joan assumiu o cargo como monge dominicano e inquisidor.

Falcones (2017), na continuação de dez anos após os eventos de *A catedral do mar*, descreve o personagem principal de *Os herdeiros da terra*, Hugo Llor, como órfão de um marinheiro, que segue sua vida de maneira humilde, enfrentando os diversos desafios de uma vida dura e injusta, tanto nos pontos políticos quanto religiosos, como dito em entrevista para o canal do Youtube Barcelonautes Tv online. Com formas semelhantes, ao passo que em sua maioria são pessoas que precisam superar as adversidades impostas por nascerem na “base da pirâmide social feudal”, o autor foca sua escrita em sujeitos sem benefícios que necessitam superar os desafios impostos por uma vida de altos e baixos, criando assim as suas novelas de entretenimento.

### 3.4 AS MULHERES EM A CATEDRAL DO MAR

No caso das mulheres, o autor define um padrão facilmente visível no papel de submissão das personagens em relação aos homens, utilizando o estereótipo feminino diante da visão do autor sobre a Idade Média. Por mais plausível que pareça essa caracterização, diante dos estudos historiográficos que serão apresentados, o ato de não apresentar situações quotidianas adversas, além do constante uso da violência para demarcar um período medieval sombrio, Falcones passa uma visão única para o leitor, cujo conceito de “Idade das Trevas” caracteriza a sua obra. Como demonstrado em *A rainha descalça*, ficção histórica escrita por ele, porém nesse caso a narrativa se passa no século XVIII, o discurso de um padre ao se referir às mulheres nos mostra a visão do autor para o período:

Frei Joaquín, em voz alta, em castelhano e sem utilizar latinadas, censurava os atávicos preconceitos dos espanhóis e excitava as pessoas defendendo a virtude do trabalho, mesmo mecânico ou artesanal, contra o mal-entendido conceito de honra que impelia os espanhóis à folgança e ociosidade; excitava o orgulho nas mulheres opondo-se à educação conventual e defendendo seu novo papel na sociedade e na família; afirmava seu direito à educação e à sua legítima aspiração a um desenvolvimento intelectual em benefício da civilidade do reino. A mulher já não era uma serva do homem e tampouco podia ser considerada um homem imperfeito. Não era maligna por natureza! O matrimônio devia fundamentar-se na igualdade e no respeito. Em nosso século, sustentava Frei Joaquín citando grandes pensadores, a alma havia deixado de ter sexo: não era varão nem fêmea (Falcones, 2014, p. 27).

Com essa percepção, Falcones deixa claro que somente quatro séculos após a escrita de *A catedral do mar*, o papel da mulher na sociedade começou a sofrer as mudanças no cotidiano que permitiam a sua autonomia perante o casamento e em relação aos homens, ao mesmo tempo que no decorrer desta obra, esta afirmação se contradiz por meio das próprias atitudes masculinas perante os personagens femininos. Ao retornar para a fonte de *Lo Crestià*, citada anteriormente, é possível identificar que Falcones, por meio de sua pesquisa para a escrita de seus romances, é influenciado por Eiximenis a pensar o papel submisso da mulher perante a sociedade. Neste sentido, é plausível imaginar que Falcones não procurou aprofundar ou questionar esta visão no período medieval, mas sim retratar de acordo com sua fonte o período histórico.

Contudo, ao optar por esta escolha de escrita, ele reforça a visão das trevas medievais, que é refletida nas personagens femininas em *A catedral do mar* (Francesca, Habiba, Joana, Isabel, Aledis, Maria, Mar e Elionor). Aquelas que pertencem às classes inferiores dentro da “pirâmide social medieval”, como camponesas, escravas e filhas de trabalhadores nas cidades, em grande parte da história não possuem fala ativa e se encontram perante situações de submissão justificada, seja por lei ou pela Igreja, com suas personagens sempre buscando soluções para dificuldades impostas por sua classe. Enquanto as mulheres nobres ou ricas são as vilãs da narrativa, cujas atitudes antagonizam com os outros personagens, transformando na obra poder monetário em atitudes maléficas. Se vista a definição de Idade das Trevas feita por Jacques LeGoff, observa-se que esta ideia, iniciada durante o Renascimento, e reforçada no século XVIII, no chamado “século das Luzes”, é refletida na obra de Falcones:

A Idade Média não é mais, depois do século XVIII, o período incolor que os medievais pensavam viver, mas um período sombrio, enfeixado entre o passado esplendoroso da Antigüidade e o futuro luminoso dos Filósofos. E um tempo oco, caracterizado pela ausência da razão e ausência de gosto. A palavra gótico — antes da reabilitação feita por Walter Scott e Chateaubriand — torna-se sinônimo de feiura, de esquisitice, de falta de jeito... Essa depreciação buscava, claro, atingir a Igreja. Voltaire o diz explicitamente em seu Ensaio sobre os costumes, 1756: obscurantismo clerical e Idade Média são uma só e única coisa. Leibnitz o tinha dito, antes de Voltaire. Observa-se, por fim, que o futuro segundo as Luzes parece-se pouco com esse “renascimento” vago, próximo do fim do Tempo, que era a visão dos medievais. O futuro de agora em diante se inscreve dentro de uma perspectiva, a do progresso. História e progresso logo se confundirão: esse seria o risco do século XIX, para o qual a História tem um sentido, tendendo para o melhor e o bom. Enquanto na Idade Média o próprio progresso parece o fim da História, a transfiguração, a caminhada para fora do tempo. (Le Goff, 2006, p. 50)

Porém, esta escolha do autor por representar suas personagens desta maneira única, sem desenvolver uma complexidade maior para as personagens principalmente em suas atitudes

perante o mundo patriarcal medieval, contribui para os estereótipos das mulheres medievais e também para reforçar a ideia de Idade das Trevas. Conforme Cláudia Costa Brochado as relações entre homens e mulheres sofrem mudanças durante o longo período medieval. Nos séculos XII e XIII, ao contrário da construção de submissão feminina perante ao homem, temos a complementaridade dos sexos:

Durante todo o século XII e metade do século XIII a tendência na política sexual foi de complementariedade, nascendo assim o que ela chama de teoria da complementaridade dos sexos (Allen, 1985: 3). Nesse momento, teria predominado uma diferença sem hierarquia, ou seja, homens e mulheres são distintos, mas não há ser humano superior. Os dois sexos seriam complementares, não no sentido de uma dependência recíproca, mas de riqueza relacional. Essa riqueza está nas possibilidades de nutrir-se de experiências e sentidos que não deixam de passar por seus corpos, essa diferença que se apresenta no sentimento, não é um dado sem importância, já que leva a experiências distintas, e a uma forma de estar no mundo carregada dos sentidos que essas experiências trazem. No contexto da complementaridade, essa diferença não é neutra, nem desigual. Cada um dos sexos teria infinito próprio, ou seja, não depende do outro para ter sentido, mas a relação entre ambos enriquece a experiência humana no tempo. (Brochado, 2019, p. 69)

Mas, já no fim do século XIII, as teorias misóginas alcançaram sua difusão pelo retorno de ideias de filósofos como Aristóteles, conforme diz Brochado (2019, p. 72-73) “Distingue homens, escravos, crianças e mulheres, observando que as últimas precisam ser dirigidas pelos homens dada sua incapacidade de pensar de forma ordenada, o que as impede de ser também autoridade, em função de uma capacidade racional inferior.”

As ideias de outros autores, como Paulo, Agostinho e Tomás de Aquino, também contribuíram para a difusão de teorias misóginas, como afirma—Maria Filomena Dias Nascimento:

Desde os primeiros momentos da História da Mulher, pode-se observar a insistência com que se recorre ao pensamento dos teóricos antigos e medievais sobre a condição feminina para afirmar a submissão da mulher medieval. Desta forma, são muito comuns as citações de fragmentos de Aristóteles, São Paulo, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Este último foi realmente importante para a construção do discurso misógino do século XIII, na medida em que recuperou a parte mais radical do pensamento agostiniano com relação às mulheres. Em suas famosas Sumas Teológicas, São Tomás discorre sobre vários temas, que têm como centro de preocupação a construção teórica e filosófica da existência e da condição feminina. Assim, ao longo de suas considerações emerge o pensamento de Aristóteles: "Femina est aliquid deficiens et occasionatum"; de São Paulo: "Primo et principaliter propter conditionem feminei sexus, qui debet esse subditus viro"; e de Santo Agostinho: "Imago Dei invenitur in viro..., non invenitur in muliere". (Nascimento, 1997, p. 85)

Todas essas teorias tiveram suas teorias difundidas em universidades medievais, o que Brochado (2019, p. 73) denomina como Revolução Aristotélica. A influência do pensamento de Aristóteles para a Idade Média foi fator fundamental para a construção da relação de

misoginia entre os séculos no período, porém autoras como Christine de Pizan e Margerite Porete rebateram academicamente as ideias de submissão e inferioridade do sexo feminino, demonstrando que mesmo a predominância dos estudos aristotélicos tenha sido vigente, vozes contrárias surgiram para contradizer as informações que eram utilizadas para controle e desconfiança sobre as mulheres. Neste sentido, este objeto de aprendizagem propõe o que o autor, por escolha própria, não escolheu discutir, demonstrar possibilidades de ações e escolhas das mulheres perante o sistema patriarcal medieval.

### 3.4.1 O casamento na Idade Média

No caso de Francesca, esposa de Bernat e mãe de Arnau, seu casamento foi arranjado por seu pai para união de famílias, com pagamento de um dote: “Cinco soldos, um colchão e uma camisa branca de linho” (Falcones, 2018, p. 11). As mesmas escolhas foram feitas para Isabel, esposa de Grau Puig, comerciante que aspirava uma rápida subida de grau social ao se casar com Isabel, que possuía sangue nobre:

Finalmente, a eleita para ser a nova mãe dos filhos de Guiamona foi Isabel, uma moça jovem e pouco atraente, mas nobre. Grau considerou as virtudes de todas as aspirantes, mas escolheu a única que era nobre. O seu dote: um título sem benefícios, terras ou riquezas, mas que lhe permitiria ascender a uma classe que até então lhe estivera vedada. O que lhe importavam os vultosos dotes oferecidos por alguns mercadores desejosos de se unir à riqueza de Grau? As grandes famílias nobres da cidade não se preocupavam com o estado de viuvez de um simples ceramista, por mais rico que fosse; só o pai de Isabel, sem recursos econômicos, intuiu no caráter de Grau a possibilidade de uma aliança conveniente para as duas partes, e não estava enganado. (Falcones, 2018, p. 116).

Com inícios de relacionamentos parecidos entre as duas personagens, Francesca surge de uma família de camponeses simples, enquanto Isabel já nasce em uma família nobre. As suas origens acabam por refletir suas personalidades: a primeira esforçando-se para conseguir auxiliar seu marido a gerir o seu lote senhorial, enquanto a segunda, após o casamento, esbanjava-se em sua mesquinhez e avareza por conta de sua classe social. Com estas atitudes, o autor procura desenvolver os personagens por conta de suas classes sociais, moldando os comportamentos daqueles que buscam ascensão como “heróis” e aqueles que já possuem influência e capital neste mundo medieval como “vilões”, como pode ser verificado neste trecho em que Isabel castiga Arma por um acidente ocorrido com o seu filho:

Os pés! – gritou a baronesa. – Beije nossos pés! – Arnau fez um gesto para se levantar, mas a baronesa o impediu novamente. – De joelhos! Arnau obedeceu e se arrastou até eles de joelhos. ‘É só pelo meu pai. É só pelo meu pai. É só pelo meu pai...’ A baronesa lhe mostrou as sapatilhas de seda, e Arnau as beijou, primeiro a esquerda e depois a direita. Sem levantar os olhos, se deslocou até Grau, que hesitou quando teve o menino

ajoelhado diante de si, e ele os ergueu até a altura da boca do menino, um e depois o outro. Os primos de Arnau imitaram os pais. Arnau tentou beijar a sapatilha de seda que Margarida lhe mostrava, mas quando seus lábios iam roçá-la ela afastou-a e seu rostinho soou outra vez. Arnau tentou novamente, e a prima riu dele mais uma vez. Ao final, ele esperou que a menina encostasse a sapatilha na sua boca... uma... e outra. (Falcones, 2018, p. 146)

Com Elionor, segunda esposa de Arnau, o casamento por dote também foi o escolhido. Já viúva e um fardo para a corte do rei de Aragão, o seu casamento solucionava o problema do senhorio das terras de Granollers, Sant Vicenç dels Horts e Caldes de Montbui e entregava a Arnau o título de barão. Também pertencente à nobreza, Elionor foi retratada como vilã da obra:

Para que lhe contaria tudo o que soubera? Certamente é atraente, lhe disseram, mas seus traços refletem um tédio permanente. É caprichosa e mimada, altiva e ambiciosa. O rei a casara com um nobre que faleceu pouco tempo depois, e ela, sem filhos, voltou para a corte. Um favor para Arnau? Uma graça real? Seus confidentes riram. O rei já não aguentava Elionor, e com quem melhor casá-la do que com um dos homens mais ricos de Barcelona, um cambista a que poderia acudir para conseguirmos empréstimos? O rei Pedro saía ganhando em todos os sentidos: se livrava de Elionor e garantia acesso a Arnau. Para que lhe contar tudo isso? (Falcones, 2018, p. 373)

Já Aledis, filha de um pobre trabalhador na cidade de Barcelona, teve seu primeiro casamento arranjado por seu pai com um velho mestre curtidor com um único objetivo: herdar a sua oficina, garantindo assim a seu pai o direito de comandá-la. Usada como moeda de troca, seu pai somente tinha interesse em esperar o falecimento do genro para então conseguir um negócio próprio, com sua filha sendo a mercadoria. Mesmo com Arnau pedindo a moça em casamento, o interesse econômico do pai excedeu o desejo da filha. (Falcones, 2018, p. 224)

Mesmo com personalidades, situações e quotidianos diferentes, uma coisa todas essas personagens compartilham entre si: o casamento. A forma como o crescimento das mulheres na obra quase sempre é convertido em um casamento forçado, cujo homem que arranja esse casamento busca um objetivo maior do que a união matrimonial e felicidade do casal. De acordo com Joana Catarina Machado Alves, essa cultura provém desde os séculos X e XI:

Já nos séculos X e XI o casamento resultava de um pacto entre duas famílias, através de testemunhas ou da bênção sacerdotal e, ainda mais importante, do consentimento das duas famílias – caso a filha não cumprisse a decisão do poder parental seria deserdada; a pretensão de uma ascensão social e econômica era bastante clara. A filha funcionava como uma moeda de troca, como meio de passagem a uma vida melhor ou a um maior reconhecimento social. A mulher não era mais que um ser passivo, dada (pelo pai) e recebida (pelo esposo) como se de um pagamento se tratasse. Provam-no as arras ou donas de que o marido tem de dispor aquando do contrato nupcial, pois na maioria dos casos, segundo Maria Helena da Cruz Coelho e Leontina Ventura, a mulher é superior ao homem em poder e riqueza, o que leva a um desequilíbrio no lucro do “negócio” para a família do lado feminino, funcionando

como uma reposição do valor mais alto que a mulher representava no matrimônio. (Alves, 2019, p. 38)

Porém, imaginar um período histórico cujos costumes não são questionados causa problemas na escrita do autor. Mesmo as mulheres como Elionor e Isabel, que possuem poder de domínio em seus lares, são reduzidas a papéis de vilãs, reduzindo as suas participações que poderiam representar de uma maneira mais fiel às mulheres da corte medieval, a pequenas intrigas pessoais com pouca repercussão no poder, como aponta Duby:

Na França, as primeiras expressões de um discurso feminino que não se pode pôr em dúvida (como se pode legitimamente pôr em dúvida a autenticidade das cartas de Heloísa, por exemplo) são depoimentos, diante do inquisidor, das aldeãs de Montailou. A seguir, é o processo de Joana d'Arc. Entre os dois casos, a obra de Cristine de Pisan, mas tudo isso é muito tardio. Acreditando demais no que dizem os homens nós nos arriscamos a nos equivocarmos, a considerar que a mulher não tinha poderes, estando em uma posição de "pobreza" (como nos lembrava Camen López: a pobreza é a ausência de poder). De fato, quando o véu se ergue, sob o efeito de um acontecimento perturbador como aqueles que foram discutidos por Martinez Gros, ou então porque as fontes revelam bruscamente o que é naturalmente mascarado, nós percebemos o mundo das mulheres fortemente estruturado como uma pequena monarquia, essa monarquia exercida pela esposa do senhor, a "dama", que domina as outras mulheres da casa. (Duby, 2011, p.111-112)

As condições em caso de viuvez ao mesmo tempo, conforme Duby (2013, p. 243), também garantiam às mulheres o poder da regência das terras no fim do século XII, permitindo o exercício do poder até o crescimento do filho primogênito. E considerar as mulheres passivas ao costume do casamento arranjado traz uma fraqueza às personagens que não condiz com a realidade total. De acordo com Luciana Calado Deplagne, no subgênero literário denominado cantigas de mal maridas é possível verificar a resistência das mulheres perante este costume:

É possível inserir este soneto de Compiuta Donzella na tradição dessas cantigas, em particular na modalidade intitulada "chansons de malmariées" (cantigas de mal-mariadas). Como aparece neste subgênero literário, o eu-lírico feminino denuncia a prática do casamento arranjado, a tirania do pai, a violência física praticada pelo marido. Os versos de Compiuta Donzella expressam as aspirações e lamentos do eu-lírico dentro de um cenário primaveril, mas como assinala Karine Simoni,<sup>55</sup> o tom de denúncia retratado no poema "encontra[m]-se completamente dissonantes com a leveza da estação primaveril: errore [sofrimento], forte doglia [grande dor], a mia forza [à força], non ho disio né doglia [não tenho desejo nem vontade], gran tormento [grande tormento], non mi ralegra [não me alegra]". (Deplagne, 2019, p. 46)

Considerando a literatura medieval, a temática do amor se fez presente na escrita. Como diz Segismundo Spina (2007, p. 50), demonstra que por mais inegável que, fosse a prática do casamento forçado, aquele que o patriarca determina a escolha do noivo, a presença do romance e da paixão poderiam ser contempladas pelos homens e mulheres e não vistas como tabu a ser quebrado dentro da sociedade por conta de costumes antigos.

### 3.4.2 O papel da mulher na Idade Média

Diante do pensamento aristotélico retomado pelos estudiosos medievais, o casamento também exercia a função de controle social e do corpo da mulher. O medo gerado pela sexualidade feminina para a Igreja Católica transforma-se em uma questão de ordem para a Idade Média, que transfere a responsabilidade para o pai da família de guardar e educar a mulher para o matrimônio, passando a responsabilidade para o marido de cuidar e zelar da esposa. Joana, na obra de Falcones, a mãe de Joan, irmão adotivo de Arnau, foi pega no ato de adultério. Após Ponç, seu marido, fazer a reclamação com o sequer da corte, ela foi condenada por esse ato pecaminoso. Como punição, ele a prendeu em uma casa sozinha, sem direito à sua saída e visita de seu filho. Neste caso, o marido, como detentor não somente de seu corpo, mas também de sua vida, condena a sua mulher a uma morte solitária:

Dispomos que o dito Ponç, se quiser que Joana lhe seja entregue, deve dar caução boa e idônea e garantir que a manterá em sua própria casa em um lugar com doze palmos de comprimento, seis de largura e duas varas de altura. Deve dar-lhe um saco de palha que sirva para dormir e um cobertor para se cobrir, devendo fazer neste lugar um buraco para que ela possa satisfazer suas necessidades corporais e deixar uma janela pela qual se possam entregar alimentos à dita Joana: o dito Ponç deve lhe dar cada dia dezoito onças de pão completamente cozido e tanta água quanto queira, e não lhe dará nem fará coisa alguma para precipitar a sua morte nem fará coisa alguma para que morra a dita Joana. Ponç deve dar caução boa e idônea e garantia sobre todas as ditas coisas antes de que se lhe entregue a referida Joana. (Falcones, 2018, p. 79)

A primeira esposa de Arnau, Maria, foi treinada desde criança a cuidar de seu marido para o seu casamento. Todo tipo de serviços necessários para satisfazer seu esposo, como limpeza, cozinha e obediência, foram demandados pelos seus pais para, principalmente, facilitar o acordo de casamento com um bom marido:

Maria sempre estava disponível no leito, Arnau encontrava o que um homem podia desejar: comida, limpeza, obediência, atenção e o corpo de uma mulher jovem e bonita. Sim, Arnau. Não, Arnau. Maria nunca discutia com Arnau. Se ele queria uma vela, Maria deixava o que estivesse fazendo para consegui-la para ele. Se Arnau reclamava, ela se adiantava ele resolver o que fosse. Quando ele respirava, Maria corria para lhe trazer ar. (Falcones, 2018, p. 233).

As mulheres nasceram para isso, para contrair matrimônio, para servir o homem. Assim educamos Maria e assim eu a entreguei a você. (Falcones, 2018, p. 233).

Para Francesca, após o seu casamento com Bernat, houve um caso de abuso sexual pelo costume do *derecho da perxada*, o senhor feudal Llorenç de Bellera deita-se com ela em sua noite de núpcias engravidando-a. Após o nascimento de Arnau, Francesca entrou em depressão

pós-parto, porém suas atitudes como esposa e dona do lar não cessaram, como deveria ser, mesmo em um total estado de tristeza profunda:

Francesca vagava pela masía como alma penada. Cumpria suas obrigações domésticas, mas o fazia no mais absoluto silêncio, destilando uma tristeza que não demorou a invadir os cantos mais recônditos do lar dos Estanyol. (Falcones, 2018, p. 22).

Quando voltava para a masía, Francesca já tinha se ocupado das tarefas domésticas, da horta e das galinhas e coelhos. Noite após noite servia o jantar em silêncio e se retirava para dormir; de manhã se levantava antes dele, e ao descer Bernat já encontrava o café da manhã e o embrulho com o almoço sobre a mesa. Enquanto comia, ele a ouvia cuidando dos animais do estábulo. (Falcones, 2018, p. 26)

Todas essas passagens dentro da história reforçam estereótipos sobre o medo que a mulher simbolizava na Idade Média. O seu controle como dona do lar, fora das discussões públicas, e a garantia de sua virgindade com o motivo de controlar seu corpo, garantindo assim a sua submissão total, primeiro com o seu pai, depois para com o seu marido, como é possível verificar no texto de Alves:

Dentro do casamento o marido pede submissão. Ou seja, a continuação de um papel já anteriormente desempenhado. Antes de casar a mulher é obediente ao pai enquanto filha e depois ao marido enquanto esposa. Dela espera-se, acima de tudo, fidelidade ao marido, seu senhor e a continuação da linhagem através dos filhos que, acreditava-se, iria gerar, não negligenciando os muitos casos de mulheres devolvidas às suas famílias por não conseguirem engravidar, sendo consideradas estéreis e o casamento nulo. Não passava pelo pensamento duvidar da fertilidade masculina. (Alves, 2019, p. 38)

O seu propósito também era garantido ao pensar em hereditariedade. Garantir a segurança da mulher perante os perigos que poderiam representar um filho fora do casamento impossibilitaria, além do encontro com um homem que pudesse elevar ou garantir o sucesso familiar por meio dos herdeiros, manteria o papel da mulher como “procriadoras”, como dito por Duby (2011, p. 15). Para tal fato, a fidelidade da mulher perante o casamento torna-se indispensável para a sustentação deste meio familiar construído. De acordo com Duby, o risco do surgimento de uma criança bastarda poderia representar, ao dividir a herança familiar, um eminente perigo, cujas punições poderiam representar a violência:

Em contrapartida, para a moça, o que se exalta e o que toda uma teia de interditos procura cuidadosamente garantir é a virgindade e, no que diz respeito à esposa, a fidelidade. Porque o desregramento natural desses seres perversos que são as mulheres comporta o risco, não haveria vigilância, de introduzir no seio da parentela, entre os herdeiros da fortuna ancestral, intrusos, nascidos de outro sangue, clandestinamente semeados, da espécie desses bastardos que os celibatários da linhagem disseminam, com expansiva generosidade, fora da casa ou entre os serviçais. Essa moral que esquematiza é doméstica. Ela é privada. As sanções que fazem com que seja respeitada também o são: a vingança de um rapto diz respeito aos parentes masculinos da moça, a vingança de um adultério, ao marido e a seus consanguíneos. Mas como é

lícito chamar em socorro as assembleias de paz e a autoridade do príncipe, há lugar naturalmente para o rapto e para o adultério nas legislações civis. (Duby, 2011, p. 17)

Como demonstrado no caso de Joana em *A catedral do mar*, seu esposo Ponç, ao ver o ato do adultério, recorreu à prisão como recurso para punir sua esposa. Trancafiá-la em uma casa de 12 metros quadrados, somente sendo obrigado a lhe dar um pouco de comida enquanto ela só poderia esperar pela morte, prova que a violência contra a mulher no caso de adultério era justificada pela própria sociedade, como diz Alves:

As mulheres deviam ser guardadas em casa, tanto quanto possível, e punidas quando desobedientes e adúlteras. Percebe-se que eram poucas as coisas que a mulher podia fazer sem ser vítima de alguma acusação do marido por desconfiança ou insegurança. Em caso de desobediência, a sociedade era a favor de a mulher ser chamada à atenção pela violência, quando exercida dentro dos lares, sem matar ou deixar mazelas, mas havia quem acreditasse que era legítimo parar apenas quando a mulher sangrasse. (Alves, 2019, p. 38)

Porém, resumir o papel da mulher somente a “reprodutoras”, sem participação nas discussões públicas, é uma simplificação muito curta de suas ações durante a Idade Média. Pensar, por exemplo, nas atividades econômicas, a produção têxtil do período era basicamente feita por mulheres que assumiam os teares para a sua fabricação, como diz Le Goff (2016, p. 277).

No caso das discussões públicas, vale trazer à luz a “*Querelle des femmes*”, que foi uma reação de mulheres escritoras ao pensamento misógino que se difundia no século XIV. Essa reação se materializou em uma série de obras escritas por mulheres, sendo um dos maiores destaques Christine de Pizan, como mostra Deplagne:

A referida “*Querelle des femmes*” situa-se nesse contexto de resistência feminina e teve seu início com a obra *Epître au Dieu D’Amour* (1399), de Christine de Pizan, uma das escritoras medievais de maior notoriedade. Essa obra em verso corresponde a uma crítica à misoginia contida na segunda parte do *Roman de la Rose*, de autoria de Jean de Meung. A obra provocou fervor entre as autoridades intelectuais da época e fez surgir o primeiro debate dessa “querela”, o “*Debate sobre o Roman de la Rose*”, através de troca de epístolas entre defensores e opositores à essa crítica poética feita por Pizan. (Deplagne, 2019, p. 53)

Na sua obra *O livro da cidade das damas*, Christine de Pizan trabalha com os textos de Agostinho de Hipona, porém com uma visão contrária de suas obras para defender a mulher. Em forma de crítica, a autora torna-se um grande expoente para a sua época contra o discurso misógino, como mostra Pedro Carlos Louzada Fonseca:

É nesse sentido dialético de construir desconstruindo que Christine de Pizan constrói o polêmico *Le Livre de la Cité des Dames* (c. 1405) (*O livro da cidade das damas*),

uma espécie de réplica à cidade de Deus que Santo Agostinho havia escrito em contraposição à cidade deste mundo. Portanto, mais do que a ostensiva cidade de Santo Agostinho, a cidade de Christine de Pizan é uma construção defensiva alicerçada na reputação de mulheres, histórica e lendariamente, conspícuas em todo o campo de empreendimento ou moralidade; uma verdadeiramente nova fortaleza para oferecer proteção ao sexo indefeso. Nesse sentido, a *Cité des Dames* é não tão somente um audaz e penetrante questionamento, mas também uma percuciente resposta, baseada na inteligência e no bom senso, a uma vasta quantidade de textos misóginos revisitados. Ainda ofensas contra as mulheres são referidas em relação a passagens da literatura clássica misógina e, inclusive, em referência a passagens da própria Bíblia (PIZAN, 2006, p. 140-146 e passim). Mas Christine de Pizan escolhe diretamente como seu principal perturbador e interlocutor misógino o volumoso *Les Lamentations de Matheolus* (c. 1371-1372), provavelmente na tradução de Jehan Le Fèvre do poema autobiográfico *Liber lamentationum Matheoli* (c.1295) (Livro das lamentações de Mateolo), de Mathieu de Bologne. Assim, dada a sólida importância de *Les Lamentations de Matheolus* como intertexto principal de Christine de Pizan, esse livro será o ponto de partida para a conferência da releitura desconstrutora da misoginia medieval resgatada literariamente pela autora. (Fonseca, 2020, p. 130)

Nas construções civis também são verificáveis mulheres trabalhando com transporte de água ou realizando tarefas iguais aos homens, como trabalhar nos telhados, como diz María Teresa López Beltrán (2010, p. 50). Neste sentido, Ildefonso Falcones diminui em seu livro de maneira consistente o papel das mulheres na Idade Média, que causa problemas na sua própria escolha de gênero literário que propõe a recriação fidedigna em relação à construção histórica.

### 3.4.3 A Igreja Católica e a mulher na Idade Média

A justificativa pela legitimidade do discurso misógino produzido era colocada em prática perante regras impostas pela Igreja Católica. Na obra de Falcones (2018, p. 204), a Igreja condenava a malícia da mulher, que era a maior do mundo. Para o controle desta malícia, o papel do homem se concentrava em manter, por meio do matrimônio e costumes do catolicismo, a mulher dominada em seu lar:

As mulheres são maliciosas por natureza e se comprazem tentando o homem para o caminho do mal – recitou Joan. – Por quê? – Porque as mulheres são como o ar em movimento, vaporosas. Não cessam de ir de um lado para o outro, como se fossem correntes de ar – Joan se lembrou do sacerdote que fizera aquela comparação: seus braços, com as mãos estendidas e dos dedos vibrando sem para, revoavam acima da cabeça. – Em segundo lugar – recitou -, porque as mulheres, por natureza, por criação, têm pouco bom senso e, em consequência, não há freio para sua malícia natural. (Falcones, 2018, p. 204-205)

Então, o que devo fazer? Se todas as mulheres são más... – Primeiro, você tem que se casar com elas – esclareceu Joan – e, depois de contrair matrimônio, agir como ensina a Igreja. (Falcones, 2018, p. 205)

Em outro momento da narrativa, Joan, em uma conversa com Arnau, utiliza as passagens bíblicas que citam tanto o papel do homem quanto o da mulher. Nestas passagens, o próprio

uso da violência, caso houvesse desobediência feminina, poderia ser feito como ação disciplinadora:

Um bom marido deve procurar controlar a malícia natural de sua esposa segundo alguns princípios: o primeiro é que a mulher está sob o domínio do homem, submetida a ele: *‘Sub potestate viri eiris’*, reza o Gênesis. O segundo vem do Eclesiastes: *‘Mulier si primatum haber...’* – vacilou Joan -, *‘Mulier si primatum habuerit, contraria est viro suo’*, que significa que, se a mulher tiver primazia na casa, será contrária ao marido. Outro princípio é o que aparece nos Provérbios: *‘Qui delicate nutrit servum suum, inveniet contumacem’*, que quer dizer que quem trata delicadamente os que devem servi-lo, entre os quais se encontra a mulher, encontrará rebelião onde deveria encontrar humildade, submissão e obediência. E, se, apesar de tudo, a malícia continuar presente na mulher, o marido deve castigá-la com a vergonha e o medo; corrija-la no começo quando é jovem, sem esperar que ela envelheça. (Falcones, 2018, p. 206)

Este recurso de utilização de passagens bíblicas, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento, foi um hábito comum para instigar o bom comportamento feminino no cotidiano, como forma de garantir a presença de ordem social, como diz Fonseca:

Na verdade, as exigências das virtudes paulinas requeridas para o comportamento moral e religioso da mulher coadunam-se com prédicas da moral religiosa substanciadas no Antigo e Novo Testamentos a respeito da questão da assimetria de poder nas relações de gênero, em que a mulher é sempre subalterna ao homem, devendo-lhe obediência e servidão. Nesse sentido, reforça São Paulo quando comenta que “Com efeito, o homem não foi tirado da mulher, mas a mulher do homem; nem foi o homem criado para a mulher, mas sim a mulher para o homem” (Coríntios 1.11: 8–9). O apóstolo, recorrendo-se ao método analógico característico da epistemologia medieval para o conhecimento das coisas, naturalizando a submissão feminina à inevitabilidade teocêntrica da religião cristã, segue dizendo que “Assim como a Igreja é submetida por Cristo, em todas as coisas submetem-se as mulheres a seus maridos” (Efésios 5: 24). (Fonseca, 2020, p. 125)

De acordo com Fonseca, toda essa formulação para criação de um papel negativo para a mulher, simplesmente por sido responsabilizada pela Queda dos seres humanos do paraíso. A partir do momento que Eva comete o Pecado Original, ao comer a maçã proibida, é atribuído a mulher a responsabilidade por esse mal, sendo assim possível questionar a natureza feminina desde o seu nascimento:

Um dos mais frequentes temas a chamar a atenção nos textos medievais foi a lembrança insistente da imagem da mulher responsabilizada pela Queda e pela indução ao Pecado Original. Muito do enfoque e debate sobre o assunto e sobre matérias a ele relacionadas, direta ou indiretamente, evidentemente aconteceu dentro de limites de assunções e pronunciamentos feitos por homens. Uma dessas capciosas assunções, cinicamente irônica, referia-se à já comentada fraqueza natural da mulher, cuja condição de fragilidade quase sempre foi aceita sem contestações. Entretanto, essa aceitação era mais uma das estratégias misóginas para incentivar a fortaleza feminina, a qual seria cinicamente aplaudida ao se revelar enquanto satisfatória das expectativas do homem em relação ao comportamento da mulher. Esta deveria aproximar-se da virtus masculina, prerrogativa do homem. Portanto, a se pensar desse modo figurado, a mulher seria resgatada por meio da sua “masculinização” moral. (Fonseca, 2020, p. 128)

Porém, ao mesmo tempo que o exemplo de Eva foi usado para condenar a mulher, o de Maria foi exemplificado como modelo de vida para a mulher. Como diz Almudena Blasco Vallés (2010, p. 84-85), a obra do missionário Raimundo Llull, *Llivre d’Ave Maria*, trazia a figura de Maria como a mulher exemplar, aquela cuja devoção a Deus deveria ser copiada pelas mulheres na Idade Média para o controle de sua sexualidade, demonstrando a preocupação da Igreja Católica com o corpo feminino e o medo do Pecado Original ocasionado por Eva.

Não só Maria foi dada como exemplo, mas também Maria Madalena. Contudo, como diz Duby, não era a pecadora Maria Madalena que buscou a redenção para abrir as portas do caminho do céu. Esta mulher, não a prostituta, deveria ser canonizada como exemplo de mulher:

Com efeito, é realmente de uma mulher que se trata. É enquanto mulher – *mulier*, a palavra retorna a todo instante – que Madalena é celebrada. Mas que espécie de mulher? A pecadora? Não. O autor desconhecido do sermão a vê sob o aspecto de uma dama, uma mulher que viveu, que conseguiu se separar das coisas da terra para se aproximar do céu. Essa mulher é rica, generosa, “*largissime*”, por ser de boa raça, “*classime*”, e dispõe livremente de seus bens próprios. Os traços que lhe atribuí esse religioso, ele também oriundo da aristocracia mais alta, são os das mulheres que cercaram a sua infância, os das princesas viúvas – como Adelaide, esposa e mãe de imperadores, cujo epitáfio Odilon, o abade de Cluny, compôs nessa época -, os das viúvas nobres que sustentavam então com todo o seu poder a instituição monástica, as únicas mulheres que os monges frequentavam sem corar. Despojadas pela idade dos encantos inquietantes da feminidade, elas haviam antes partilhado o leito e o prazer com um homem, portanto haviam pecado. Retiradas, choravam suas faltas. O autor do sermão conta com essas lágrimas de mulheres (ainda que a ligação entre lágrimas, pecados e remissão seja evidenciada com mais clareza quando ele fala de Lázaro, figura aqui da Ressurreição). Pois para ele, Madalena é culpada, certamente, mas o é como cada um de nós. Pecar é o destino do gênero humano. (Duby, 2013, p. 33-34)

Outros exemplos de santas martirizadas pela Igreja podem ser vistos na obra de Falcones: Santa Eulália de Barcelona e Santa Maria do Mar. A primeira, citada brevemente, enquanto os seus restos mortais foram transferidos para a catedral (Falcones, 2018, p. 216) e a segunda, assumindo um papel mais importante na narrativa, já que ao rezarem para ela, Arnau e Joanet a chamavam de mãe, colocando em suas mãos o papel de cuidadora daquelas crianças, além da devoção dos adultos perante seu nome, que naquele momento estavam construindo a catedral de Santa Maria do Mar em Barcelona:

Todos os dias Arnau e Joanet iam a Santa Maria, entravam na igreja e se ajoelhavam. Estimulado pela mãe, Joanet tinha se decidido aprender a rezar e repetia seguidamente as orações que Arnau lhe ensinava. Depois, quando os dois amigos se separavam, o pequeno corria até a janela e explicava quanto havia rezado naquele dia. Arnau falava com sua mãe, exceto quando o padre Albert – assim se chamava o sacerdote – se aproximava deles; então se unia ao murmúrio de Joanet. (Falcones, 2018, p. 94)

Pois, quando terminarmos sua nova igreja, esta Virgem de quem vocês tanto gostam terá mais luz do que todas as Virgens do mundo. Ela não ficará no escuro como agora

e terá o templo mais belo que alguém possa imaginar; ela não ficará fechada entre paredes grossas e baixas, mas entre paredes altas e finas, esguias, com colunas e absides que chegarão até o céu, onde deve estar a Virgem. (Falcones, 2018, p. 96)

Neste sentido, a mulher nas sociedades medievais tinha comportamento e regras precisas a serem seguidas. Facilmente, para as mulheres, a culpa de suas ações era pouco defensável e justificável, pois o pecado as rondam a todo momento. O desejo expressado pela Igreja ao sugerir as santas Maria e Maria Madalena como exemplo percorre todo o caminho necessário com o simples fato do ideal de controle do corpo feminino para evitar o surgimento de uma meretriz. De acordo com Duby:

Todos os dirigentes da Igreja estavam de acordo, não obstante, que era preciso impedir a mulher de causar algum dano. Que era preciso, portanto, enquadrá-la. Casando-a. A mulher perfeita – sob este aspecto a atitude de Madalena era exemplar – é de fato a que se espera tudo de seu senhor, que o adora, mas que sobretudo o teme. E o serve. A mulher, enfim, que chora e que não fala, que obedece, prosternada diante de seu homem. Por conseguinte, desde a puberdade a jovem deve tornar-se esposa. Esposa de um mestre que irá refreá-la. Ou então esposa de Cristo, encerrada num convento. Caso contrário ela corre o sério risco de torna-se meretriz. (Duby, 2013, p. 46)

Na obra de Isabel de Villena, em sua *Vita Cristi*, coloca em evidência figuras bíblicas femininas como Maria Madalena, mas ao contrário do que foi apresentado anteriormente, como nos mostra Brochado:

Da obra de Isabel, vamos destacar o seu olhar sobre Madalena, começando por observar o protagonismo que ela lhe dará. Enquanto a maioria dos autores medievais destacam apenas Maria como modelo feminino positivo, ela dá protagonismo a Madalena em sua obra, não como a pecadora arrependida, como a tradição nos trouxe, mas como a mulher forte e corajosa que esteve até o final ao lado de Jesus e que foi sua preferida. Além disso, como a mulher que sofrerá as consequências pela beleza e liberdade que gozava. Villena a introduz em seu texto buscando justificativas para sua vida antes da aproximação com Jesus. Ela explica que a enorme liberdade gozada por Madalena -primogênita de uma família muito rica, cujos pais, já mortos, lhe deixam o controle familiar – seria a razão dela ter se deixado levar pelos "deleites e prazeres pessoais" sem se preocupar em controlar os "apetites sensuais". Além disso, o fato de Madalena ser, além de mulher, rica e bonita, teria despertado inveja suficiente para difamá-la, fazendo-a conhecida como "a mulher pecadora" (Villena, 1987:44-5). (Brochado, 2019, p. 86-87).

A presença de mulheres autônomas do poder masculino pode ser verificada nas comunidades religiosas comandadas por abadessas. Essa forma de exercer o poder dentro dos próprios alicerces da Igreja Católica demonstra como o discurso da religião poderia ser subvertido para o próprio benefício, como diz Nascimento:

O protagonismo e a autonomia alcançada por estas comunidades de religiosas nos séculos XII e XIII não deve ser entendida como uma atitude de simples rebeldia diante da dominação masculina, mas como resultado da própria conjuntura. O florescimento da vida econômica, social, política e cultural do século XII, depois de um grande período de dificuldades, permite que a sociedade se desenvolva num ambiente mais

relaxado, com reflexos em todos os âmbitos. Dentro deste contexto, é normal que os laços hierárquicos se tenham afrouxado e que comprovemos uma maior flexibilidade nas relações homem-mulher, favorecendo particularmente as mulheres que ocupavam postos de comando, como é o caso das abadessas. Algumas mulheres nobres souberam aproveitar o momento histórico e construíram seus paraísos particulares. Mas não se tratava de isolar-se do mundo, com o objetivo de evadir a tutela masculina. Tratava-se de viver no mundo, exercendo o poder que estava reservado aos homens. (Nascimento, 1997, p. 90)

Como dito por Nascimento, o papel da mulher em relação à Igreja Católica é muito mais complexo do que uma relação linear de obediência feminina perante as leis religiosas. As mulheres ocupavam espaços de poder público dentro do clero, a partir dos conventos, que garantiam uma autonomia de vida perante a sociedade patriarcal medieval. O controle financeiro e das atividades cotidianas dessas mulheres demonstra que o papel da mulher na Idade Média era também marcado pela sua resistência às ideias aristotélicas, que diminuía suas funções na sociedade ao lar e ao casamento.

### **3.4.4 A violência contra a mulher na Idade Média**

No romance de Falcones, mesmo com todo aparato religioso e familiar presente no ciclo de vida da mulher, o seu corpo era alvo de violência não só dentro desse meio, mas também por atos de homens sem escrúpulos, como ocorreu com Francesa, que após ser abusada sexualmente pelo seu senhor, foi abusada também por aqueles que o seguiam:

O senhor ordenou que seu filho ficasse aqui – explicou o aprendiz. – No começo a sua mulher vinha várias vezes por dia e o acalmava, amamentando-o. – Com lágrimas nos olhos, Bernat apertava o corpinho contra seu peito, tentando insuflar-lhe vida. – Primeiro foi o aguazil – continuou o rapaz -, e a sua mulher resistiu e gritou... Eu vi, estava na forja. – Mostrou uma abertura nas tábuas de madeira da parede. – Mas o aguazil é muito forte... Quando terminou, entrou o senhor, acompanhado por alguns soldados. Sua mulher estava deitada no chão, e o senhor começou a rir dela. Depois todos riram. A partir desse momento, cada vez que a sua mulher vinha amamentar o filho, os soldados a esperavam ao lado da porta. Ela não podia resistir. Há alguns dias ela não vem. Os soldados... qualquer deles, a agarram assim que ela sai dos aposentos de D. Caterina. E ela nem tem tempo de chegar aqui. Às vezes o senhor os vê, mas só faz rir. (Falcones, 2018, p. 33)

Em uma situação parecida, Aledis foi atrás de Arnau na batalha em Valência, onde seu amor estava. No caminho, foi abordada por um barqueiro mal-intencionado que não hesitou em violentar a jovem garota:

O homem se abaixou, pegou-a pelos cabelos e começou a arrastá-la para a choça. Aledis cravou as unhas na mão dele até sentir que enfiavam na carne, mas ele continuou a arrastá-la. Tentou ficar de pé, tropeçou várias vezes e caiu novamente. Se recuperou e, engatinhando, se jogou contra as pernas de seu agressor, tentando imobilizá-lo. O barqueiro se safou e lhe deu um chute na boca do estômago. Já dentro

do casebre, enquanto tentava recuperar o fôlego, Aledis sentiu que a terra e o barro arranhavam seu corpo ao som da luxúria do barqueiro. (Falcones, 2018, p. 261- 262)

Nos dois casos mencionados, a única opção viável para essas mulheres foi a entrada na prostituição. Após a perda de sua virgindade e sem chances de conseguir perdão familiar ou do marido, a única maneira de conseguir o sustento para sobrevivência era esta escolha difícil que determinava seu futuro. De acordo com Alves:

A noite era propícia aos bandos que atormentavam a população, serenatas e outras folias noturnas eram recorrentes, homens de fidalgos invadiam domicílios e roubavam, violavam e praticavam o adultério, outros bandos de homens tocavam viola nas ruas e cantavam, enquanto outros subiam os telhados das casas e faziam quanto queriam no seu interior, e é disto que a população se queixa nas cortes de Lisboa de 1459 (claro que tudo isto era ocasional e não a regra, nem ocorria tudo ao mesmo tempo). Embora estes homens fossem penalizados se encontrados com violas nas ruas depois das 9 horas da noite, habilitando-se a perder as violas, armas e vestimentas que trouxessem, eram perdoados facilmente, já que normalmente não tinham antecedentes, além disso este ato era visto como uma forma de virilidade ou um ritual de passagem, sendo a mulher considerada a culpada e por vezes paga pelo serviço prestado; sentindo-se humilhada e envergonhada e, sabendo que ninguém lhe daria razão, não apresentava queixa. O mal já estava feito e assim a prostituição surgia de forma natural, pois as violações de mulheres levava ao proxenetismo, já que a maior parte, deixando de ser virgens, eram desprezadas pelo futuro noivo, não conseguindo arranjar marido ou então sentindo-se desamparadas e desacreditadas dos homens, enveredavam por uma vida de prostituição. (Alves, 2019, p. 58-59).

Francesca e Aledis, obrigadas a entrarem nessa vida, tiveram seus hábitos todos mudados. Suas roupas, o respeito e tudo que tinham foram perdidos sem chance de justiça, além de terem suas almas julgadas por poderes divinos: “Não podem fazê-lo: o rei e a Igreja lhes permitem exercer o seu ofício. – Aledis olhou para ela incrédula. – Sim, filha, é assim. A Igreja diz que as mulheres públicas não podem ser castigadas pela lei terrena, que a lei divina o fará.” (Falcones, 2018, p. 272). Sem salvação para sua alma, para seu corpo e para a sua vida familiar, o desespero tomava conta de seu ser, forçando-a a aceitar a condição oferecida:

Muitas mulheres viam na prostituição o seu meio de sobrevivência; desprezando o futuro noivo escolhido pelos pais viam-se deserdadas, desprezadas e sem nada, outras dos meios rurais, depois de servirem o seu patrão, em todos os sentidos, eram despedidas, ficando desamparadas; as mulheres violadas que depois de corrompida a sua virgindade viam a oportunidade de casar destruída ou deixavam simplesmente de acreditar nos homens pelo trauma passado, as casadas que vendiam os seus corpos para ajudar as despesas do lar, ou simplesmente aquelas que não tinham outra saída senão vender o seu corpo para sustentar a sua família, estas mulheres viam a prostituição como única saída para os infortúnios da vida. Eram então que os proxenetas entravam em ação: eles recolhiam-nas nos meios rurais, ou nas cidades onde as encontram perdidas, normalmente pobres e sós, e por isso aceitavam mais facilmente a proteção destes homens. Eles diziam garantir-lhes amparo e proteção e em troca pediam tudo aquilo que elas ganhavam na mancebia. (Alves, 2019, p. 64)

Para Mar, filha adotiva de Arnau, o caso foi um pouco diferente. Abusada pelo nobre Felip de Ponts (Falcones, 2018, p. 410), um julgamento foi posto em prática para condenação. Porém, como o réu se declarou culpado de suas atitudes voluntariamente e se candidatou a se casar com Mar, Arnau não teve escolha a não ser aceitar a condição imposta pelo agressor:

É certo que, contra a sua vontade, sequestrei e me deitei com Mar Estanyol... – Um murmúrio percorreu as fileiras da *host* barcelonesa, interrompendo o discurso de Felip de Ponts. Arnau firmou as mãos em volta da besta. – Eu o fiz arriscando a vida, consciente do castigo por esses delitos. Fiz e faria de novo se nascesse outra vez, pois o amor que sinto por essa moça é tão grande, tão grande o desassossego por vê-la murchar na juventude sem um marido superaram a razão e meus atos foram mais os de um animal louco de paixão do que um cavaleiro do rei Pedro. – Joan sentiu a atenção do exército e mentalmente tentou ditar ao cavaleiro suas palavras seguintes. – Como animal que fui, entrego-me a vós; como cavaleiro que gostaria de voltar a ser, toda a vida. Julgai-me! Não estou disposto, como preveem as vossas leis, a oferecer-lhe um marido com seu valor. Antes de vê-la com outro, eu mesmo poria fim à minha vida. (Falcones, 2018, p. 413)

Mesmo que a lei terrena não pudesse julgar as prostitutas, utilizar do argumento de bruxaria ainda era um artifício que obrigava a Igreja a se manifestar como ocorreu com Francesca (Falcones, 2018, p. 461). No intuito de condenar Arnau como ajudante dos judeus, sua mãe foi acusada de bruxaria para reforçar o argumento de que Arnau era pagão. Aceitando as acusações por conta de sua raiva reprimida (Falcones, 2018, p. 542), Francesca “amaldiçoa” os cidadãos de Barcelona antes de sua fuga e a declaração de inocência de Arnau dentro de seu julgamento. Esta prática de acusações de bruxaria como instrumento político eram comuns durante o início do século XIV, como mostram Jeffrey B. Russel e Brooks Alexander: “Foi no começo do século XIV que se observou, pela primeira vez, o uso perverso das acusações de bruxaria para fins políticos. Nesse primeiro estágio da perseguição, os acusados eram frequentemente clérigos ou outras pessoas letradas, capazes de ler e escrever magia. (No fim do século XIV, as acusações se ampliaram, com vistas a atingir pessoas comuns.)” (Jeffrey, Alexander, 2019, p. 97)

Essa relação entre a violência e sexo, principalmente em relação à prostituição, ~~tinham~~ correlação, contudo, a vida sexual medieval tinha mais liberdades do que se deu a entender em *A catedral do mar*. Ao analisar o mito do país imaginário de Coconha, Le Goff indica que, em relação ao sexo, neste conto tem-se a conjuntura de liberdade, principalmente com relação a mulher:

Passemos ao sexo. Sejam senhoras ou senhoritas, as mulheres são tão belas que cada um toma a que lhe convém sem que ninguém fique ofendido. Todos satisfazem o seu prazer como queiram e à vontade. E essas mulheres não são preprendidas, mas sim

honradas. E, se por acaso uma dama interessar-se por um homem que ela vir, ela fisga-o em plena rua e usa-o a seu bel-prazer – assim uns fazem a felicidade dos outros. A meu ver, o que surpreende aqui é menos o sonho de uma sexualidade livre, que pode ser encontrado nos textos da época sobre as maravilhas da Índia, por exemplo, do que a espantosa igualdade de comportamento sexual a mulher e o homem. A Igreja acabara de exigir (em 1215) o consentimento da mulher igual a do homem para o casamento. Esta igualdade entre os sexos é levada aqui às suas consequências mais extremas. A máscula Idade Média não era tão uniformemente misógina como já se disse tantas vezes. (Le Goff, 2020, p. 105)

Mesmo que a lei terrena não pudesse julgar as prostitutas, utilizar do argumento de bruxaria ainda era um artifício que obrigava a Igreja a se manifestar como ocorreu com Francesca (Falcones, 2018, p. 461). No intuito de condenar Arnau como ajudante dos judeus, sua mãe foi acusada de bruxaria para reforçar o argumento de que Arnau era pagão. Aceitando as acusações por conta de sua raiva reprimida (Falcones, 2018, p. 542), Francesca “amaldiçoa” os cidadãos de Barcelona antes de sua fuga e a declaração de inocência de Arnau dentro de seu julgamento. Esta prática de acusações de bruxaria como instrumento político eram comuns durante o início do século XIV, como mostram Jeffrey B. Russel e Brooks Alexander: “Foi no começo do século XIV que se observou, pela primeira vez, o uso perverso das acusações de bruxaria para fins políticos. Nesse primeiro estágio da perseguição, os acusados eram frequentemente clérigos ou outras pessoas letradas, capazes de ler e escrever magia. (No fim do século XIV, as acusações se ampliaram, com vistas a atingir pessoas comuns.) ” (Jeffrey, Alexander, 2019, p. 97)

Essa relação entre a violência e sexo, principalmente em relação à prostituição, tinham correlação, contudo, a vida sexual medieval tinha mais liberdades do que se deu a entender em *A catedral do mar*. Ao analisar o mito do país imaginário de Coconha, Le Goff indica que, em relação ao sexo, neste conto tem-se a conjuntura de liberdade, principalmente com relação a mulher:

No tratado de Trotula, o corpo feminino obteve atenção especial em relação aos outros, como se observa no prólogo e na quantidade de capítulos dedicados às doenças e cuidados com a saúde física e mental das mulheres. Interessante destacar alguns trechos nos quais se evidencia sua preocupação com o bem-estar feminino no que diz respeito à sexualidade, e à gestação - antes, durante e depois do parto - como explicita o título da primeira edição do tratado: “Trotula e curandarum aegritudinum muliebrium. Ante, in et post partum liberunicus, nusquam antea editua”. O cuidado com a gestante no momento do parto apresenta-se no tratado com uma sensibilidade inovadora e mesmo transgressora, se lembrarmos do peso da tradição patrística de considerar necessárias as dores do parto ao aludir à punição feminina pela queda de Eva. (Deplagne, 2019, p. 38)

As cenas de abuso relatadas de uma maneira exagerada para criar empatia com as personagens, aliadas as consequências das ações feitas por aqueles homens que causam atitudes

extremas das personagens, deveriam causar no leitor um incomodo para provocar tensão no leitor. Porém, por ser uma ficção literária, o autor recria um período medieval extremamente violento, cuja vida sexual dos casais ou era feita durante o casamento, ou pelo abuso, ou pela prostituição, transformando aquele amor cortês cantado pelos trovadores como algo ou inexistente ou proibido.

#### 4 DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

Para a construção deste Objeto de Aprendizagem, em um primeiro momento foi necessário entender quem seria o público alvo deste. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 420), os conteúdos sobre o período da Idade Média se dão durante o sexto ano do ensino fundamental. Neste sentido, este OA é voltado para os professores de história deste ano, com a temática proposta pela própria BNCC (Trabalho e formas de organização social e cultural: o papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval).

Deste modo, o Objeto de Aprendizagem, consistirá em apontar como era o papel da mulher na Idade Média, no contraste da visão do autor e na escrita de um romance histórico que dialogue com a história de Falcones, ao mesmo tempo que consiga demonstrar outras possibilidades de relação entre a mulher e o patriarcado medieval. Ele, atuante nos anos iniciais do ensino fundamental em História, pode incentivar os alunos a pensarem sobre a construção do medieval na atualidade e a discussão entre o conceito de Idade das Trevas a partir do papel da mulher.

Ao mesmo tempo abre margem para debates sobre a mulher na atualidade, para que o aluno também consiga comparar com o tempo passado ao seu entorno. Inclusive esta ideia pode responder uma questão já feita por alguns alunos “por que devo estudar a Idade Média? ”, a partir da relação entre a vida da mulher nos dois períodos. Este conceito de aproximação de tempo histórico, de acordo com Fernando Saffner, diz que uma aula de história deve possibilitar ao aluno uma postura crítica, sem a intenção de criar “historiadores em miniatura”:

Embora já um tanto desgastada, a palavra crítica expressa bem o principal objetivo do ensino de história: que o aluno possa olhar sua realidade, seu entorno social e político, e refletir sobre ele a partir de uma riqueza de referenciais (exemplos de outros tempos, de outras sociedades, de outros grupos sociais, que enfrentaram situações semelhantes e as resolveram de outro modo). Entendemos por uma postura crítica a possibilidade de olhar para sua realidade com algum distanciamento, de efetuar um olhar mais amplo, que possa colocar em perspectiva as ações que examinamos. Não constitui objetivo de uma aula de História do ensino médio ou ensino fundamental a formação de “historiadores em miniatura”. Sendo assim, a seleção de conteúdos e de atividades deve ser feita pelo professor levando sempre em conta o entorno social e político dos alunos. (Saffner, 2011, p. 1-2)

Este OA, a partir desta referência, parte de pressuposto de uma crítica a construção da Idade Média muitas vezes recriada em obras do entretenimento a partir do conceito de Idade das Trevas. Filmes, séries, livros e jogos criam o imagético da população sobre um período histórico, e nem sempre há uma preocupação com os fatos ou uma abertura de discussões que enriquecem a historiografia ou a literatura. Porém, ao realizar a interlocução destes materiais

com a sala de aula, o professor deve-se ater aos conceitos históricos que são apresentados para não repetir ao reforçar estereótipos, ao mesmo tempo que utiliza o material para facilitar a apresentação do cotidiano, as vestimentas, os costumes, as batalhas, etc. Essa dualidade de imaginações, que oscilam entre as visões de tempo positivas e negativas sobre a Idade Média são apontadas por Júlio Valdeón Baroque:

Em termos gerais, pode dizer-se que o medieval se situa entre duas posições totalmente opostas: por um lado, o desprezo absoluto, por outro, a emoção sem limites. Parece que o mundo em que vivemos herdou e, em certa medida, manteve, ao mesmo tempo, a tradição negativa sobre a Idade Média que se construiu entre os séculos XVI e XVIII e a tradição positiva que se fabricou no decurso do século XIX. Por um lado, continua a funcionar o cliché que identifica a época medieval como a fase da história da humanidade em que predominaram o obscurantismo, a opressão e a intolerância. [...] Claro que, no sentido inverso, o mundo em que vivemos oferece, muitas vezes, uma atitude altamente emotiva em relação a tudo o que tem um sinal inconfundível da época medieval. Para citar apenas um exemplo que nos parece sintomático, basta ver a atração que qualquer visitante sente por um templo medieval, seja ele gótico, românico ou, fundamentalmente, pré-românico, fase da atividade artística que goza de grande prestígio. (Baroque, 2002, p. 323-324, tradução nossa<sup>9</sup>)

Sobre a Idade Média, inclusive, é dito por Umberto Eco que existe uma continuidade do período, que ele não acabou como prevê a linha do tempo utilizada para descrever o tempo histórico, mas recebe novos significados diariamente. A partir deste raciocínio, conclui-se que a visão de um aluno que possui constante contato com este período histórico em filmes, séries, games e livros demonstre uma construção prévia de conhecimento sobre a temática:

Dessa nossa nova Idade Média já se disse que será uma época de “transição permanente” na qual serão adotados novos métodos de adaptação: o problema não será tanto o de conservar cientificamente o passado quanto o de elaborar hipóteses sobre o aproveitamento da desordem, entrando na lógica da conflitualidade. Nascerá, como já está nascendo, uma cultura de readaptação contínua, nutrida de utopia. Foi assim que o homem medieval inventou a universidade, com a mesma desinibição com que os clérigos vagantes de hoje a estão destruindo; e talvez transformando. A Idade Média conservou seu modo a herança do passado não para hibernação, mas para a contínua retradução e reutilização, foi uma imensa operação de *bricolage* em equilíbrio instável entre nostalgia, esperança e desespero. Sob sua aparência imobilista e dogmática foi, paradoxalmente, um momento de “revolução cultural”. O processo todo foi naturalmente caracterizado por pestes e massacres, intolerância e

---

<sup>9</sup> No original: En líneas generales puede afirmarse que lo medieval se sitúa entre dos posturas totalmente contrapuestas: una parte el más absoluto desprecio, por otra una emoción sin límites. Parece como si el mundo en que vivimos hubiera heredado, y en cierto modo mantenido, al mismo tiempo la tradición negativa sobre el Medievo que se construyó entre los siglos xvi y xviii y la positiva que se fabricó en el transcurso del xix. Por una parte sigue funcionando el tópico que identifica a los tiempos medievales como la etapa de la historia de la humanidad en la que predominaron el obscurantismo, la opresión y la intolerancia. [...] Claro que, en sentido totalmente inverso, el mundo en que vivimos ofrece con frecuencia una actitud sumamente emotiva ante todo aquello que tiene signo inequívoco de los tiempos medievales. Basta con que fijemos por acudir a un ejemplo que nos parece sintomático, en el atractivo que ejerce sobre cualquier visitante un templo medieval, ya sea gótico, románico o, fundamentalmente, prerrománico, fase de la actividad artística que goza de un gran predicamento.

morte. Ninguém diz que a nova Idade média representa uma perspectiva de todo alegre. Como diziam os chineses para maldizer alguém: “Que você possa viver numa época interessante” (Eco, 1984, p. 99)

Como escritor, Falcones pode descrever sua ideia de Idade Média na cidade de Barcelona. Construir ou reconstruir este mundo com seus personagens, desenvolver uma narrativa que desperte entretenimento, buscando no passado o encanto do leitor, é a função de um autor de ficção histórica, como foi apontado por Eco. Seu desejo de recriar a cidade de Barcelona passa pelo seu desejo de criar uma “época interessante” de ser lida. Porém, como historiador, não deixo de apontar algumas discussões que podem ser pertinentes para a sala de aula, principalmente por este trabalho ter como objetivo a construção de um objeto de aprendizagem ligado a literatura.

Somado à possibilidade de que os alunos tenham acesso às obras literárias, mas também aos games, alguns jogos históricos também colocam os jogadores em mundos históricos fictícios que conseguem analisar a arquitetura, as vestimentas, os alimentos consumidos, ou seja, o cotidiano medieval. Estes recursos constroem o imaginário daqueles que os consomem, como diz Faria:

A aparente realidade apresentada nos produtos medievalistas contemporâneas – como a inserção de objetos, livros ou arquitetura medieval – é apenas um recurso artístico que visa ambientar o espectador ou jogador dentro de períodos ou referências imagéticas específicas (e, por consequência, colocar o jogador dentro de uma dinâmica de preconceções históricas acerca do período, estas frequentemente utilizadas na construção e disseminação de jogos medievais). (Faria, 2021, p. 18)

No caso do uso da literatura no ensino, como propõe este trabalho, é possível encontrar benefícios que os livros didáticos ou outros materiais não conseguem exprimir, como foi no caso do Objeto de Aprendizagem produzido pela professora Waldirene Aparecida Vilela, que ao criar um romance em formato de conto espelhado, com a obra de Mia Couto *O outro pé da sereia*, buscou por meio de seu trabalho preencher algumas lacunas presentes no ensino de História da África:

Os professores de história acabariam por se perder pela falta de conteúdo, pois, além de não terem uma formação na universidade que os capacite para trabalhar com a história da África, há também as lacunas encontradas em muitos livros didáticos quanto à historicidade do povo africano por falta de acervo, das fontes e da documentária que normalmente são de origem europeia ou, mesmo quando trabalhadas por africanos, possuem uma visão africanista. Mas é justamente nesse ponto que a literatura poderia de modo interdisciplinar auxiliar o professor de história, visto que muitos autores africanos têm se dedicado a escrever sobre a África da forma como o africano gostaria de ser enxergado pelo mundo e não na visão estereotipada como se tem notado. (Vilela, 2022, p. 36)

Sem a necessidade de ser uma escrita totalmente verossímil, a literatura tem a preocupação da criação de histórias envolventes, capazes de prender e envolver o leitor naquele mundo imaginário, que o convence a entender a ideia transmitida, como diz Alexandre Rodrigues de Frias Barbosa. Pensar nos dias atuais, em que um dos principais problemas dentro da sala de aula se encontra na retenção da atenção do aluno no professor, a literatura se apresenta como uma das possíveis soluções para o problema:

Não obstante essa marca da história que a diferencia da literatura, a apresentação dos acontecimentos do passado em forma de relato reconhecidamente verossímil – um misto de realidade e ficção – também não pode se furtar à subjetividade e expressar a opinião do escritor tanto quanto o seu desejo de guiar a leitura do seu leitor, de convencê-lo sobre uma ideia. Embora não científico, o relato ficcional da literatura não é menos persuasivo. Ao contrário, segundo Bruner (1997, p.14), a aplicação imaginativa do modo narrativo, menos comum na produção de um texto científico do que num texto literário, leva, na verdade, a histórias boas, dramas envolventes, relatos históricos críveis (embora não necessariamente verdadeiros). Ele trata de ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam seu curso. Ele se esforça para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias da experiência e localizar a experiência no tempo e no espaço. A racionalidade discursiva, portanto, não é a única forma de representar persuasivamente os acontecimentos e as experiências humanas no tempo; a literatura também se ocupa de envolver o leitor, de convencê-lo de uma coisa, de guiá-lo do começo ao fim da história despertando a sua imaginação (Barbosa, 2016, p. 116).

A atividade proposta por Barbosa (2016, p. 128), em sua tese de mestrado, foi a escrita de uma narrativa literária sobre a história do Brasil no século XIX, com recorte focado na chegada da família real portuguesa no país em 1808 até o fim do regime imperial, apresentou como seu aluno utilizou de sua criatividade e material fornecido no livro didático para construir sua história. A partir desta atividade, Barbosa conseguiu exprimir de seu aluno o que ele propõe:

Neste caso, ao contrário da fala, que uma vez dita, se perde, a escrita se coloca como remédio para a memória e instrução. Diante do próprio texto, o estudante pode desconstruir e reconstruir o sentido do tempo narrado, e refletir sobre sua própria consciência, devidamente orientado pelo professor de história. Este, através do texto do aluno ou aluna, tem a possibilidade de indaga-lo sobre o sentido dado aos eventos históricos narrados e por qual motivo foram narrados daquela forma. Certamente a escrita não é o único meio possível para averiguar o que é verdadeiro ou falso no pensamento dos estudantes. Mas por sua presença ela é a artifício privilegiado para colocar o estudante diante do próprio pensamento, constrangendo a refletir sobre a realidade criada, sobre os motivos para a escolha desse ou daquele sentido para os eventos e experiências históricas, sobre a própria opinião e o significado dos conceitos, de modo a atuar sobre a sua própria opinião em instantes distintos do processo de aprendizagem. Isso significa que além de preservar a memória, a escrita apaga o aluno-autor, e permite ao aluno-leitor criticar-se, desconstruir-se, diante das evidências de novas informações (Barbosa, 2016, p. 18).

Conforme disse Barbosa, a literatura permite ao aluno a desconstrução e construção do tempo narrado, refletindo sua própria consciência. Se tomarmos como exemplo o pensamento

histórico-crítico, apontado por Jorn Rusen, temos a possibilidade de quebra de paradigmas já estabelecidos:

O conceito de uma totalidade temporal abrangente que inclui o passado, o presente e o futuro envolve, deste modo, algo negativo: a noção de uma ruptura na continuidade ainda operativa da consciência. A história funciona como a ferramenta com a qual se rompe, “se destrói”, se decifra tal continuidade – para que perca seu poder como fonte de orientação do presente. As narrações deste tipo formulam pontos de vista históricos, demarcando-os, distinguindo-os das orientações históricas sustentadas por outros. Por meio destas histórias críticas dizemos ‘não’ às orientações temporais predeterminadas no presente. (Rusen, 2011, p. 67)

Este conceito apresentado por Rusen apresenta o pensamento crítico que busco sobre o conceito de Idade das Trevas. Como já discutido, Falcones, ao trazer em sua obra o resultado de sua pesquisa que apontava para a mulher com seu papel de submissão durante a Idade Média, idealiza em seu leitor a ideia de obscurantismo e a opressão, pré-determinando o papel da mulher durante a Idade Média como submissa às regras impostas pela Igreja. Minha intenção não é negar que essa ideia existia, mas criticar o fato de que a Idade Média foi um tempo mais complexo do que se mostra em algumas obras voltadas para o entretenimento.

Neste sentido, pensar em uma atividade para este OA necessita de alguns procedimentos prévios que o professor precisa realizar. Como se trata de um conhecimento passado no sexto ano, penso que seria interessante passar ao aluno uma breve noção de construção do conhecimento histórico e aulas anteriores amparadas nas questões provenientes em relação à Idade Média. Seguindo o exemplo da professora Lucialine Duarte Silva Viana, a sua prática com os alunos sobre a República Velha levou a uma série de aulas sobre a sua temática trabalhada para que os alunos se informassem sobre o assunto:

Com os discentes, esse período foi trabalhado com apoio do livro didático e por meio da aplicação de seminários temáticos. Foram necessários quatro encontros para ministrar, através de aulas expositivas, debates e seminários, estudos relacionados ao período em foco. Assim, nossos alunos, na preparação da prática do procedimento pedagógico proposto, têm acesso à narrativa historiográfica didática sobre o período. Afinal, os educandos ao se debruçarem em uma fonte literária para analisar traços de historicidade de uma época, precisam estar amparados em um conhecimento pautado em mais de uma versão sobre esse passado. Pois, assim, no nosso entendimento, esses alunos podem construir um conhecimento mais amplo e que não se restrinja, apenas, as representações sobre o passado, veiculadas em apenas uma das narrativas que se remetem a ele. Nos debates, alguns aspectos abordados sobre o período, em sala de aula, despertaram o maior interesse dos alunos, a saber, a questão do voto e as condições de cidadania da época. Muitos acabaram associando o famoso “voto de cabresto” com as atuais práticas de compra e venda de voto. Apesar de reconhecerem que, constitucionalmente, os mecanismos sejam diferenciados, postularam uma relação da influência dessas práticas como uma herança deixada aos cidadãos de hoje, estabelecendo, assim, uma análise comparativa através do deslocamento temporal. (Viana, 2016, p. 45-46)

Mediante aulas, Viana (2016, p. 59) propôs aos alunos a construção de uma narrativa, com base em seu processo metodológico sobre a República Velha, nas fontes literárias Velha Praga e Urupês, de Monteiro Lobato. De acordo com o que foi relatado pela autora (2016, p. 84), seus alunos conseguiram, por meio desta atividade, ampliar a perspectiva sobre a matéria e também a construção conjunta do conhecimento. Porém o motivo que chama a atenção para a minha proposta é o fato que esta atividade proporcionou a seus alunos a empatia histórica, como apresenta Viana:

Outro aspecto importante, que foi observado, em nossa prática, foi o exercício da empatia histórica, efetivado por nossos alunos. Pois, por meio dela, os discentes ultrapassaram a visão mais comum e anacrônica sobre os sujeitos de tempos diferentes, na qual o julgamento das ações praticadas no passado é alicerçado na realidade do presente, em que os alunos estão inseridos. Desse modo, verificamos que alguns discentes conseguiram refletir, tanto sobre a postura de Monteiro Lobato, quanto em relação à apregoadá apatia social e política do caboclo, buscando compreender as motivações e influências que, as conjunturas da época, impunham aos seus posicionamentos e ações. (Viana, 2016, p. 84)

A partir desta ideia, as atividades sugeridas neste OA partem do princípio da pesquisa e leitura dos dados fornecidos neste material. As breves introduções sobre as temáticas da Idade Média, a Espanha e a Barcelona do século XIV e os trabalhos realizados pelas mulheres no período culminam em duas atividades avaliativas complementares entre si. A primeira, a criação de uma breve narrativa, a partir da divisão dos alunos em grupos de três ou quatro alunos, imaginem a sua vida na Idade Média a partir das informações fornecidas no OA e seus conhecimentos prévios; e a segunda, a partir das imagens do livro *Por amor às cidades* de Jacques LeGoff, o mesmo grupo de alunos pode comparar imagens do passado medieval e do presente para identificar semelhanças e diferenças sobre os modos de vida da humanidade nos dois períodos do tempo.

Utilizar dessa estratégia de recriação do tempo histórico, como já foi apontado pelo conceito de medievalismo, pode criar o desejo do aluno em se aprofundar na temática a partir do momento em que ele cria a sua história. A participação do aluno na construção do saber histórico ao escrever uma breve narrativa coloca o ficcional como agente da construção da criatividade e interação do aluno como parte da aula. Se visar outras ações do público em relação à Idade Média, como as feiras medievais ao ar livre, produzidas inclusive no Brasil, Éverly Pergoraro diz:

Essa “tomada de posse” de uma temporalidade investe um sentido de experiência ao participante, conferindo às performances vestígios de veracidade histórica e ficcionalização de uma persona histórica, simultaneamente. A persistência dos participantes em amparar-se em pesquisas e achados históricos permite delinear as cenas dessas culturas urbanas como uma espécie de operação memorável, mas uma

em que os envolvidos efetivamente são atuantes do tempo histórico. Participar é muito mais interessante do que simplesmente debruçar-se sobre o passado como um mero espectador passivo dos acontecimentos. Esse passado ressignificado, que oscila entre o verídico e o ficcional, é mais maleável às curiosidades e aos interesses de quem o toca, não vem pronto e acabado para o consumo. É isso que buscam os envolvidos quando participam de cenas que oferecem vivências das dificuldades de ser um homem medieval ou um aventureiro viking. Da mesma forma, imergir em um piquenique no parque e degustar chá com bolos, ao som do gramafone, permite “tocar” o passado, materializá-lo no universo de cada vitoriano do século XXI. (Pergoraro, 2021, p. 95)

Diante do que foi apontado por Pergoraro, pode-se concluir que fazer com que o aluno participe e construa a sua história será importante para a construção do conhecimento. A entrevista fornecida por esta autora em sua obra também demonstra como as pessoas buscam a história como hobby, ou no caso dos combates simulados, uma atividade física, demonstrando como tentar recriar o passado chama a atenção das pessoas (Pergoraro, 2021, p. 86-88).

No caso da segunda atividade o aluno identificar algumas semelhanças e diferenças entre as imagens, pode trazer a Idade Média para o cotidiano do aluno. As situações dos mercados, a utilização de estradas para transporte de pessoas e mercadorias e as semelhanças entre as práticas agrícolas, como demonstrado nas imagens selecionadas para a atividade auxiliam os alunos a identificar que, como dito por LeGoff (1998, p. 25), as cidades contemporâneas passaram por grandes transformações, porém elas ainda possuem características que podem ser observadas na Idade Média.

#### 4.1 CONCEPÇÃO E ESCRITA DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

De acordo com Saffner (2011, p. 3-4), o professor deve estar preparado para imprevistos em sala de aula. Não é segredo que o tempo do professor em sala de aula é restrito não só pelos cinquenta minutos do tempo de aula, mas também pelos atrasos para o início das atividades, manutenção do silêncio e organização da sala de aula, que são rotinas comuns para o professor. Por este motivo, este material didático produzido é curto, contendo poucas páginas para facilitar que o professor, ao utilizá-los, consiga fazer as atividades em pouco tempo, como forma de recapitulação do que foi dito durante as aulas e o que se encontra nos livros ou apostilas dispostos ao professor para a criação de suas aulas. Com este OA, não só espero que surjam esses imprevistos como pretendo buscar o máximo possível de questões dos alunos sobre o papel das mulheres na Idade Média, além de explorar as suas imaginações e conhecimentos adquiridos anteriormente à aula.

Ao observar alguns livros didáticos da editora Moderna, na questão das mulheres na Idade Média, são reservadas para o assunto uma página, no máximo duas. No livro escrito por Caroline Minorelli (2022, p. 276-277), as temáticas escolhidas por ela foram as mulheres e o trabalho e o papel da mulher na Idade Média, com destaque para Joana D’Arc e Leonor de Aquitania, com o seu destaque para seus respectivos destaques em batalhas. Em relação ao trabalho, foi interessante o destaque dos trabalhos femininos em suas próprias oficinas na cidade. Já no livro de Gilberto Cotrim (2022, p. 234), o tópico do protagonismo feminino na Idade Média apresenta Catarina de Siena e Cristine de Pisan como figuras importantes para o protagonismo das mulheres no mundo dos saberes.

Com o objetivo de trazer este ambiente da Idade Média para os alunos e questionar o papel da mulher no período, este OA se inicia com uma breve apresentação, com foco na discussão sobre o conceito de denominação de Idade das Trevas. A maneira como as representações são feitas, o uso das cores quando feito no audiovisual, a maneira como os autores representam seus personagens e cidades, constroem o imaginário do aluno. Para reforçar o que foi apresentado em *A catedral do mar*, montei uma sequência de fatos a partir da discussão sobre a formação da “Espanha” medieval e seus reinos.

Um ponto a ser destacado sobre isso é a discussão sobre o conceito da “Reconquista” para os conflitos entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica que destaquei em uma das sugestões de pesquisa. De acordo com Éderson José de Vasconcelos, os historiadores estão questionando o uso deste termo, pois não havia a ideia de reconquista pelos cristãos na época:

Por Reconquista tradicionalmente ficou conhecido o período que se estende do século VIII, com a entrada dos muçulmanos na Península Ibérica, até o século XV, em terras Ibéricas quando em 1492 os cristãos conquistaram Granada, o último reino islâmico. Na atualidade essa definição tradicional de Reconquista passa por um processo de revisão. Historiadores, tanto espanhóis, brasileiros e de outras nacionalidades, passaram a verificar os documentos elaborados a partir da entrada dos muçulmanos na Península Ibérica e começaram a levantar questionamentos tais como: os visigodos que viveram a invasão ou entrada dos muçulmanos entendiam o seu tempo como tempo de Reconquista? Para esse questionamento encontramos resposta negativa, pois os cristãos ibéricos não tinham a ideia de Reconquista (Nogueira, 2001, p.277- 295). Conforme verificamos nas crônicas e histórias elaboradas até por volta do milésimo ano do nascimento de Cristo, buscavam sobreviver e até mesmo conquistar áreas que estavam sobre o domínio muçulmano. Não tinham a consciência de reconquistar, recuperar algo que havia sido perdido. (Vasconcelos, 2024, p. 2)

Em outro ponto, relacionando ainda estes conflitos entre cristãos e muçulmanos, coloquei em uma sugestão para o professor sobre as contribuições dos muçulmanos para o povo cristão e o intercâmbio de conhecimentos entre os povos. Por mais que a convivência não fosse totalmente pacífica, Aline Dias da Silveira aponta que o território ibérico foi o resultado de junção de características das três religiões monoteístas:

A história da Península Ibérica, uma história da Europa, apresenta também os resultados do contato entre as três culturas monoteístas: entrelaçamento, apropriação, concorrência e, em consequência disso, a diferenciação perante o outro, ou seja, a construção de identidades. Por esta perspectiva, o conceito de europeização da Espanha perde completamente sua legitimidade, considerando que, tanto o cristianismo, como o judaísmo e o islã contribuíram para a construção dos valores e da(s) cultura(s) europeia(s). E o conceito de europeização apresentado acima define a tradição cristã romana (representada pelo império carolíngio) como sendo o centro referencial da cultura europeia, em contraste com a tradição cristã visigótica e a tradição árabe. (Silveira, 2009, p. 653)

Após ampliar o conceito de “Espanha”, especifiquei a produção para a cidade de Barcelona, local de desenvolvimento narrativo em *A catedral do mar*. Dividido em Barcelona medieval e Barcelona atual, procurei demonstrar algumas características principais da cidade nestes dois períodos temporais, seguindo também a ideia da atividade final de comparação entre o passado e o presente. Para o passado, destaquei o fato da Coroa de Aragão ter disputado o comércio do Mar Mediterrâneo no século XIV, como diz os professores Julio Valdeon, Joseph Perez e Santos Juliá:

No que respeita à Coroa de Aragão, consta-nos que no século XIV prosseguiu o desenvolvimento da indústria têxtil assim como do comércio no âmbito do Mar Mediterrâneo. Datam do ano 1308 as primeiras ordenanças conhecidas sobre os tecedores de lã da cidade de Barcelona. Muito famosos eram, por exemplo, os “panos negros” de Perpignan. Desenvolveu-se simultaneamente a atividade têxtil baseada no algodão e na seda. Uma prova da força alcançada pela produção de tecidos temo-la no desenvolvimento da organização gremial. A outra faceta positiva da vida económica da Coroa de Aragão foi o comércio marítimo, que teve como grande protagonista a Catalunha. Os mercadores catalães participavam em três grandes rotas: a do Mediterrâneo oriental, que se dirigia a Bizâncio, Síria e Egito; a do Mediterrâneo ocidental, que se projetava entre Itália e o Norte de África, e a do Atlântico, de menor intensidade, que concluía na Flandres. Do Mediterrâneo oriental obtinha-se sobretudo especiarias; das ilhas da Sardenha e Sicília, cereais, e do Norte de África, peles, couro e cera, assim como ouro, marfim e escravos, procedentes da rota saariana. Em troca exportavam-se basicamente tecidos, mas também metais. A época de maior prosperidade do comércio catalão foi a segunda metade do século XIV. (Valdeon, Pérez, Juliá, 2014, p. 142-143)

Em relação a Barcelona atual coloquei em ênfase pontos culturais de Barcelona hoje em dia com a arte dos catalães Antoni Gaudí (arquitetura) e Joan Miró (pinturas), além de uma curiosidade sobre o Futbol Club Barcelona. Por mais que a característica atribuída ao clube esta relacionada ao turismo, por achar que tratar as questões políticas que envolvem o Barcelona seriam complexas demais para o público alvo, ressalto aqui o que foi apresentado por José Eduardo Ribeiro que destaca a figura deste clube de futebol contra a ditadura franquista:

Durante os anos em que a Catalunha teve reprimida sua identidade nacional, o Barça se tornou uma instituição democrática e libertária importante da região como contam Soldevila e Giralvés (2016), trazendo o relato do jornalista Lluís Aymamí em sua obra ‘Els diaris de la Rambla’, contando como o campo do clube na época, Les Corts era o local onde as bandeiras ouro e sangue da Catalunha, proibidas nessas épocas de

ditaduras, eram trocadas pelas bandeiras blaugranas do Barça. As partidas de futebol agrupavam o povo catalão em massa e durante as partidas, eles podiam se manifestar e a cada título ou vitória do Barça, se sentia uma vitória do povo catalão. Aymamí também conta como as partidas com o outro grande clube da cidade, o Espanyol possuía um caráter de eleição, uma vez que esse rival local desde seu nome tem uma relação forte com a Espanha e o anticatalanismo. (Ribeiro, 2020, p. 29-30)

Para exemplificar uma construção da Idade Média, dando continuidade à discussão sobre Barcelona, escolhi a Catedral de Santa Maria do Mar para representar a cidade e o romance de Falcones. Considerada uma das personagens principais da obra, a catedral foi construída durante o século XIV, século este que foi marcado pelas construções de catedrais com o estilo gótico. Neste sentido sugeri a atividade de pesquisa sobre a igreja da cidade dos alunos, com o ano de construção e o estilo arquitetônico escolhido. Sobre o estilo gótico, Kaline de França Andrade e Bernadete Moray dizem:

Esse estilo arquitetônico surgiu no século XII como evolução do estilo românico, visto que encontramos naquele algumas características semelhantes a este, como, por exemplo, a utilização de arcos. Veio como resposta à necessidade da igreja católica de demonstrar sua grande influência de então e também, demarca um momento social com o surgimento do trabalho livre que permitiu evoluções técnicas financiadas por uma economia e comércio estáveis. Encontrado em grandes catedrais medievais é caracterizado pelas torres elevadas e pontiagudas; linhas reta, leveza e harmonia no seu traçado; a presença marcante de arcos em forma de ogiva (arco quebrado); paredes finas; muitas janelas preenchidas com vitrais coloridos com belos mosaicos e rosáceas, o que permitia uma intensa iluminação no interior das construções. (Andrade, Morey, 2025, p. 7)

Para finalizar, destaquei o tópico do papel da mulher na Idade Média e como ele não se limita aos deveres do lar e da família. Neste tópico, vários dos pontos escritos estão presentes na pesquisa, como no caso das mulheres na cidade e a sua relação com a Igreja Católica. Porém resalto aqui a sua participação nas construções civis em Sevilha no século XIV, destacadas por Shelley Roff:

No século seguinte, quando a cidade de Sevilha ordenou que as muralhas circundantes e suas ameias fossem consertadas, foram contratados trabalhadores diaristas, tanto do sexo feminino quanto do masculino, para servir aos mestres dos vários ofícios. Em 1383, o número de equipes de mulheres que trabalhavam nos canteiros de obras havia se tornado bastante grande. Em 1385, essas trabalhadoras foram contratadas para o projeto como carregadoras e operárias de construção, embora com salários mais baixos do que os dos homens. Um carregador é um trabalhador que auxilia um pedreiro, estucador ou canteiro carregando tijolos ou argamassa para eles em um cocho de madeira em seus ombros. Em 1386, as mulheres também foram contratadas como parte da equipe para trabalhar em um brigue de mármore e, em 1393, há um relato de mulheres trabalhando em um local para ajudar a consertar o canal de água para um milharal, construir uma bacia onde os animais pudessem beber água e consertar e limpar uma estrada. Perto desse local, elas também cavaram trincheiras para as fundações de parte da muralha da cidade. No mesmo ano, a reconstrução dos

arcos ao redor da cidade foi concluída com um suprimento de tijolos parcialmente adquirido de uma fabricante de telhas e tijolos. (Roff, 2010, p. 114, tradução nossa<sup>10</sup>)

As personalidades femininas escolhidas como exemplo foram a rainha Isabel de Castela, Cristine de Pizan, Hildegard de Birgen e Eleonor da Aquitânia. Nestes espaços, escrevi um breve resumo de suas realizações durante a Idade Média e, em seguida, disponibilizei aos alunos um link para um site que traz um resumo mais completo sobre suas vidas. Sobre os links, também vale ressaltar que todos eles foram escolhidos para que o aluno pesquise e leia mais informações sobre o que foi destacado no OA. Ademais, preferi não escolher artigos acadêmicos grandes e complexos para que não somente facilite a leitura e entendimento do aluno, como faça com que ele não perca o interesse rapidamente pelo tamanho da leitura que deverá ser feita antes mesmo de iniciar.

#### 4.1.1 A escrita do primeiro conto: Catarina Garcia

Para a escrita deste conto, o primeiro ponto a ser escolhido foi a localização da narrativa. A escolha por Navarcles foi decidida por ser a mesma localidade inicial do romance *A catedral do mar*. O romance se inicia no campo catalão e achei interessante esta escolha, pois gostaria de apresentar um conto cujo cotidiano represente a vida camponesa.

Catarina Garcia, a protagonista, é uma jovem sonhadora de catorze anos que vive na masía de seus pais. A idade da garota foi definida para criar um vínculo com os jovens leitores que leram o conto. Tentei, por meio desta ideia, criar um paralelo entre a vida dos jovens nos dias de hoje e como poderia ser na Idade Média.

Os costumes descritos no conto são baseados no cotidiano criado por Falcones, principalmente na vida de Bernart Estanyol e sua esposa Francesca. Todo o fascínio de Catarina com a grande movimentação do castelo, com todas aquelas pessoas indo e vindo, é derivado do sentimento de liberdade que a garota gostava de sentir. O seu desejo era se libertar das amarras

---

<sup>10</sup> No original: In the next century, when the city of Seville ordered the surrounding walls and their battlements to be repaired, they hired female as well as male day laborers to serve the masters of the various crafts. By 1383 the number of crews of women that worked on construction sites had become quite large. In 1385, these laborers were hired for the Project as hod carriers and construction workers, although at lower wages than man. A hod carrier is a worker who assists a bricklayer, plasterer, or stonemason by carrying bricks or mortar to them in a wooden trough on their shoulders. In 1386, women were also hired as part of the crew to work on a marble-faced bridge, and in 1393 there is an account of women working on a site to help mend water channel for a mile, to build a basin from which animals could drink water, and to mend and clean a road. Near this location they also dug trenches for the foundations of part of the city wall. In the same year, the rebuilding of the arches around the city was completed from a supply of bricks in part purchased from a female tile – and brick-maker.

dos pais e da terra e viver a sua vida de acordo com seus sentimentos. O impacto das leis senhoriais (as Usatges de Barcelona) descritas por Falcones, mesmo que diretamente não afetasse a vida de Catarina, alterava o comportamento dos seus pais:

Depois, invariavelmente recitava os múltiplos direitos do senhor, os quais tinham ficado gravados na memória de Bernart, pois ele nunca se atrevera a interromper o irado monólogo do pai. O senhor podia exigir juramento ao servo a qualquer momento. Tinha o direito de cobrar uma parte dos bens do servo se este morresse intestado ou quando seu filho herdava; se fosse estéril; se sua mulher cometesse adultério; se sua masía se incendiasse; se a hipotecasse; se se casasse com o vassalo de outro senhor e, logicamente, se quisesse abandoná-lo. O senhor podia se deitar com a noiva em sua primeira noite; podia exigir que as mulheres amamentassem seus filhos ou que suas filhas servissem como criadas no castelo. Os servos eram obrigados a trabalhar gratuitamente nas terras do senhor; a colaborar para defender o castelo; a entregar parte dos produtos de sua masía; a pagar pelo uso dos bosques e das terras de pastagem; a utilizar, mediante pagamento prévio, a forja, o forno ou o moinho do senhor; e a enviar-lhe presentes no Natal e demais festividades (Falcones, 2018, p. 24).

As atividades realizadas pela garota são as mesmas atividades que Francesca realizava na masía de seu esposo: cuidava dos animais, da horta e do jantar. Esta rotina, para Catarina, não simbolizava o sonho de liberdade da garota e a própria repetição de ações gerava um dia a dia tedioso para ela: “Quando voltava para a masía, Francesca já tinha se ocupado das tarefas domésticas, da horta e das galinhas e coelhos. Noite após noite, servia o jantar em silêncio e se retirava para dormir; de manhã, se levantava antes dele, e ao descer Bernat já encontrava o café da manhã e o embrulho com o almoço sobre a mesa. Enquanto comia, ele a ouvia cuidando dos animais do estábulo.” (Falcones, 2018, p. 26)

Durante a sua adolescência, Catarina desenvolveu o desejo do casamento, mas como grande sonhadora, desejava um forte guerreiro que buscava suas aventuras e voltava para casa como grande herói de batalhas grandiosas. Este desejo foi transmitido pelos trovadores da taverna que cantavam as poesias dos livros de cavalaria. A escolha narrativa foi apresentada, pois achei mais plausível a escolha da transmissão da história oral para a garota do que a leitura. De acordo com Spina, estes romances surgiram em meados do século XIV, coincidindo com a época do conto:

Durante o florescimento dos livros de cavalaria, surge a novela erótico sentimental, em meados do século XIV; derivada em parte do romance cavaleiresco, na recente forma novelesca, a importância do amor supera quase inteiramente o elemento épico. Mais afetiva e menos romanesca do que a novela de aventura, em Dante já se encontra um esquema primitivo na autobiografia sentimental da *Vita Nuova*, em verso e prosa; mas é à *Fiammetta* de Boccaccio, bem como ao seu *Filocolo* e ao *Corbaccio* (*Labirinto de Amor*), que devemos ir buscar o filão da nova forma, largamente explorada no fim da Idade Média e durante o Renascimento, como atesta a intensa produção ibérica, desde *El Siervo Libre de Amor* de Juan Rodríguez de Padrón, até à *Historia de los Amores de Peregrino y Genebra* de Hernando Díaz, passando pela *Celestina*, pelo

*Cárcel del Amor* de Diego de San Pedro, pela *Menina e Moça* de Bernadim Ribeiro, para mencionarmos apenas as mais conhecidas. O conto, ou novela curta em prosa, cuja coleção italiana mais antiga (fins do século XIII) é o *Novellino*, também é posto em voga na segunda metade do século XV por Boccaccio com suas deliciosas crônicas do *Decamerone*, e por Geoffrey Chaucer com os seus *Cantebury Tales*. (Spina, 2007, p. 25-26)

Porém, levando em conta um certo tom humorístico, decidi criar um romance cavalheiresco, que funciona como uma sátira aos livros de cavalaria, cujo herói é um soldado forte e destemido. O cavaleiro encontrado por Catarina é somente um jovem escudeiro em treinamento, que não possuía o domínio da espada e muito menos seu próprio cavalo. Para criar um contraste ao romance de Falcones, Catarina, ao saber de seu casamento arranjado, foge para os braços de seu amado na noite da celebração. A decisão autônoma de seu pensamento contrapõe a submissão presente na obra de Falcones, ao passo que todos os casamentos arranjados na obra não tiveram uma resposta negativa da mulher, que demonstrava total obediência a seus pais.

A questão da liberdade da garota, contudo, não foi abandonada pelo casamento. A decisão de ir para Barcelona, buscar sua liberdade, expressa o cumprimento do seu desejo de vida e exercício de sua vontade. Seguindo o exemplo de Bernat, Catarina e Antônio partiram para a cidade, e após um ano e um dia, como dito por Falcones (2018, p. 38), encontraram sua liberdade.

#### **4.1.2 A escrita do segundo conto: Isabel Fernandes**

Diferente de Catarina, Isabel teve a sua vida na corte de Barcelona e não no campo. A escolha da data deste conto foi feita no mesmo período que Falcones (2018, p. 245) descreve o início da guerra entre o rei Pedro III de Barcelona e Jaime III de Maiorca. No romance, Arnau Estanyol segue para a batalha com o exército do rei em busca de experimentar o fervor da batalha.

Isabel casou-se com Eduardo, por meio do casamento arranjado entre seus pais, porém a vida na corte permitiu que ela entendesse seu papel dentro do matrimônio: ajudar a cuidar dos negócios de seu marido para que a família que os dois estavam formando se beneficiasse. Este casamento é formado pela mesma estrutura apresentada por Falcones no casamento entre Grau Puig e Isabel:

Finalmente, a eleita para ser a nova mãe dos filhos de Guiamona foi Isabel, uma moça jovem e pouco atraente, mas nobre. Grau considerou as virtudes de todas as aspirantes, mas escolheu a única que era nobre. O seu dote: um título sem benefícios, terras ou riquezas, mas que lhe permitiria ascender a uma classe que até então lhe estivera

vedada. O que lhe importavam os vultosos dotes oferecidos por alguns mercadores desejosos de se unir à riqueza de Grau? As grandes famílias nobres da cidade não se preocupavam com o estado de viuvez de um simples ceramista, por mais rico que fosse; só o pai de Isabel, sem recursos econômicos, intuiu no caráter de Grau a possibilidade de uma aliança conveniente para as duas partes, e não estava enganado. (Falcones, 2018, p. 116)

As diferenças presentes neste conto para o romance são as interações de Isabel e Eduardo perante os negócios da família. Durante o romance, as mulheres que tentaram intervir nos assuntos de negócios, como Isabel e Elionor, foram vilãs na história. As suas atitudes, principalmente para Arnau:

O escrivão de Elionor, transformando em mestre de cerimônia, iniciou o evento lendo o decreto de Pedro III pelo qual com o dote a Elionor, pupila real, a baronia das honrar reais de Granollers, Sant Vicenç e Caldes de Montibui, com todos os seus vassalos, terras, rendas... Enquanto o escrivão lia, Elionor se deleitava com suas palavras; se sentia observada e invejada – até odiada, por que não? – pelos que até então tinham sido vassalos do rei. (Falcones, 2018, p. 385)

A Isabel do conto, mesmo com a morte de seu marido na batalha em Maiorca, cuidou do legado de seu esposo para que seu filho herdasse seu patrimônio. Sempre pensando na família em primeiro lugar, Isabel demonstra a força e resiliência de uma viúva na Idade Média, sem precisar se sujeitar a maldades para conseguir seus objetivos.

Durante este conto, cito a peste bubônica, mas simplesmente por consequência da data escolhida para ele, que coincide com a data do início da peste no livro. A sua reclusão para o convento deu-se pela pressão da Igreja em casá-la novamente, pelo medo que a mulher solteira representava para aqueles que acreditavam na disseminação das ideias aristotélicas, porém a decisão foi tomada por ela mesma, acreditando que seu filho já poderia tomar conta do legado deixado por seu pai e construído por sua mãe.

No convento, não demorou para Isabel colocar em prática aquilo que havia aprendido durante a vida, alcançando o cargo de abadessa e levando o seu priorado a uma autonomia econômica, garantindo sua autossuficiência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste OA, procurei buscar uma maneira de demonstrar a maneira como a Idade Média é representada e como as representações podem afetar a nossa percepção de um período histórico. Os autores de livros, diretores e roteiristas de filmes, desenvolvedores de jogos, etc., não possuem a obrigação de levar a seu público a fidelidade que apresenta a historiografia, eles podem, a partir da sua imaginação e conhecimento, produzir o entretenimento que lhes agrada.

Porém, como professor, preciso sempre apontar os equívocos e erros que eles cometem aos meus alunos para não deixar que o entretenimento substitua a história. Ao mesmo tempo, não posso deixar de acreditar que estes materiais tenham sensibilidades e discussões amplas que devem ser tratadas em sala de aula, sempre ressaltando os exageros ou artifícios utilizados que não condizem cem por cento com a história.

No caso de Falcones, a partir de sua pesquisa, por exemplo, o mundo medieval era cercado pela misoginia e o papel da mulher era reduzido ao lar. Como demonstrado na pesquisa feita e no Objeto de Aprendizagem, essa realidade não representava a totalidade da Idade Média, mas não deixa de ser um fato ao ponto de que a sociedade medieval era patriarcal e misógina. Neste sentido, o maior erro do autor, ao meu ver, foi demonstrar somente um lado da história, reduzindo o outro, ponto este que tentei corrigir com este OA. Pensar na mulher na Idade Média deve ser como dito no título do trabalho: além do lar. Seu papel nas construções, na realeza, na produção do conhecimento e também no lar deve ser levado em conta quando o objetivo é escrever História.

A partir disto, utilizei da ficção histórica, o ato de contar histórias na aula de história, para gerar essas discussões, unindo a Literatura e História para produzir conhecimento. As atividades, as sugestões de pesquisa e curiosidades culminam em duas principais atividades sugeridas: a escrita de uma breve narrativa e a comparação entre as cidades do passado e presente. Colocar o aluno a pensar no presente, utilizando a História, abre margem para uma nova interpretação da matéria, ao passo que ele insere a sua vida e seu cotidiano em um passado que já não é mais visível, ocorrido cerca de setecentos anos atrás.

## FONTE HISTÓRICA

FALCONES, Ildefonso. **A catedral do mar**. Tradução de Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Joana Catarina Machado. As mulheres que fazem do seu corpo sua vontade: a prostituição na Idade Média. *In: ENCONTROS DA PRIMAVERA*, 13, 2018, Porto. ***Omni tempore: atas dos encontros da primavera***. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019. p. 33-70. Disponível em: <https://omnitempore.wordpress.com/2018/06/30/as-mulheres-que-fazem-do-seu-corpo-sua-vontade-a-prostituicao-na-idade-media/>. Acesso em: 12/jun./2023.

ANDRADE, Kaline de França; MOREY, Bernadete. Geometria e estilo gótico: as catedrais medievais. **Revista História da Matemática para Professores**, v.3, n. 1, p. 10-25, 2016. Disponível em: <https://rhmp.com.br/index.php/RHMP/article/view/25>. Acesso em: 20/mai./2024.

BARBOSA, Alexandre Rodrigues de Faria. **A narrativa como ensaio para aprendizagem da História: arte e ficção na constituição do tempo e de si**. 2016. 170f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2016. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174822/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Alexandre%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 26/set./2024

BARUQUE, Júlio Valdéon. La valoración histórica de la Eddad Media: entre el mito y la realidade. *In: SEMANA DE ESTUDIOS MEDIEVALES*, 13, 2002, Valladolid. **Memoria, mito y realidad en la historia medieval**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2002, p. 311-329. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=814544>. Acesso em: 18/fev./2025

BELTRÁN, María Teresa López. El trabajo de las mujeres en el mundo urbano medieval. **Mélanges de la Casa de Velázquez**, v. 2, n. 40, p. 39-57, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/mcv/3553>. Acesso em: 06/jun./2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BROCHADO, Cláudia Costa. A Querelle des Femmes e a política sexual na Idade Média. **Brathair**, v. 19, n. 2, p. 63-91, 2019. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2278/1583>. Acesso em: 10/jun./2024

BUADES, Josep M. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Contexto, 2013.

CAPPELATTI, Mariana Dexheimer. **Da autonomia à independência: a Catalunha e o impacto das novas demandas nacionalistas na política do CDC**. 2018. 127f. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8045>. Acesso em: 30/mai./2023

CARDONA, Carmen Vila. **O Bilinguismo na Comunidade Autônoma da Catalunha**. 2010.103f. Dissertação (Mestrado em Estudos Ibéricos) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstreams/a8a90861-1a31-4898-ae87-9e35d2242c52/download>. Acesso em: 30/mai./2023.

COTRIM, Gilbero. **Expedições da história: sexto ano**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2022

DEPLAGNE, Luciana Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre idade média. **Revista Signum**, v. 20, n. 2., p. 24-56, 2019. Disponível em:

[https://www.academia.edu/66864114/A\\_Contribui%C3%A7%C3%A3o\\_Dos\\_Escritos\\_De\\_Mulheres\\_Medievais\\_Para\\_Um\\_Pensamento\\_Decolonial\\_Sobre\\_Idade\\_M%C3%A9dia](https://www.academia.edu/66864114/A_Contribui%C3%A7%C3%A3o_Dos_Escritos_De_Mulheres_Medievais_Para_Um_Pensamento_Decolonial_Sobre_Idade_M%C3%A9dia). Acesso em: 13/dez/2024

D. PEDRO IV, El Cerimonioso. **Crónica del Rey de Aragon D. Pedro IV, El Ceremonioso (1319-1387)**. Tradução de Antonio de Bofarull (1821-1892). Madrid: Fundación Ignacio Larramendi, 2020. Disponível em:

<https://www.larramendi.es/es/consulta/registro.do?id=29061>. Acesso em: 24/jan./2025

DUBY, Georges. **As damas do século XII**. Tradução de Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.

\_\_\_\_\_. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FALCONES, Ildelfonso. **A rainha descalça**. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

\_\_\_\_\_. Barcelonautes/Ildelfonso Falcones – Escritor de “Los Herederos de la Tierra. [Entrevista concedida a Alicia G. Escribano]. 2017. 1 vídeo (9:16 min). Publicado por Barcelonautes TV online. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=kieB6qre3C8&list=WL>. Acesso em: 31/mai./2023.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Ildelfonso Falcones por “Los herederos de la tierra”. [Entrevista concedida a Livraria Gandhi]. 1 vídeo (6:17 min) Publicado por Revista Leemas de Gandhi. 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=AN62gtkwpwk&list=WL>. Acesso em: 31/mai./2023.

\_\_\_\_\_. Ildelfonso Falcones: La independencia sería una catástrofe para los catalanes. Entrevista concedida a David Morán. Publicado por ABC cultura, 2013. Disponível em:

<https://www.abc.es/cultura/libros/20130818/abci-entrevista-ildefondo-falcones-201308181606.html>. Acesso em: 25/abr./2024

FARIA, Beatriz. The Elder Scrolls V: Skyrim e o medievo nos games. *In*: VARGAS, Lorena da Silva (org.). **Medievalismo: a Idade Média nos imaginários moderno e contemporâneo**. Curitiba: Appris, 2021, p. 15-34.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. De Eva às damas de Christine de Pizan: desconstruindo a imagem da mulher na Idade Média. **Revista Graphos**, v. 22, n. 3, p. 121-139, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/assisrobertoc-artigo-07-pag-121-139-52676-pedro-carlos-louzada-fonseca.pdf>. Acesso em: 24/abr./2024

GILLI, Patrick. **Cidades e sociedades urbanas na Itália medieval**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

KAGAY, Donald J. **The Usatges of Barcelona: the fundamental law of Catalonia**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

KELLY, John. **A grande mortandade: uma história íntima da peste negra, a pandemia mais devastadora de todos os tempos**. Tradução de: Caetano Waldrigues Galindo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

LE GOFF, Jaques. **A civilização do Ocidente medieval**. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. **Em busca da Idade Média: conversar com Jean Maurice de Montremy**. Tradução de Marcos Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Disponível em: [https://www.academia.edu/35313077/Em\\_busca\\_da\\_Idade\\_M%C3%A9dia](https://www.academia.edu/35313077/Em_busca_da_Idade_M%C3%A9dia). Acesso em: 06/jun./2023

\_\_\_\_\_. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis: Vozes, 2020.

\_\_\_\_\_. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

MARTIN, José Luis. **La mujer y el caballero: estudio y traducción de los textos de Francesc Eiximenis**. Barcelona: Edicions Universitat Barcelona, 2003. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=lq4a7mzCPzYC&oi=fnd&pg=PA9&dq=francesc+eiximenis&ots=q3CSiRQml2&sig=BcB-5BT-P4SmQfa\\_Mt2c2qDk3hY#v=onepage&q=francesc%20eiximenis&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=lq4a7mzCPzYC&oi=fnd&pg=PA9&dq=francesc+eiximenis&ots=q3CSiRQml2&sig=BcB-5BT-P4SmQfa_Mt2c2qDk3hY#v=onepage&q=francesc%20eiximenis&f=false). Acesso em: 27/jan./2025.

MEDINA, Felix Lozano. **Tradução cultural, diferença nacional e bilinguismo em A catedral do mar de Ildefonso Falcones**. 2018. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/206304>. Acesso em: 30/mai./2023.

MINORELLI, Caroline. **SuperAÇÃO! história: sexto ano: manual do professor**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2022

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. **Textos de História**, v. 5, n. 1, p. 82-91, 1997. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/download/27754/23858/58209>. Acesso em: 12/jun./2023.

PERGORARO, Éverly. **Afetos e ressignificações de passado: sobre steampunk, neovitorianismo e neomedievalismo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. **Nuevos Mundo Nuevo**. Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Acesso em: 15/mai./2023.

RIBEIRO, José Eduardo. **Mais que um clube: a identidade do Futbol Club Barcelona**. 2020. 75f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda). Centro Universitário Campo Real, Guarapuava, 2020. Disponível em: <https://repositorio.camporeal.edu.br/index.php/pp/article/view/82>. Acesso em: 20/mai./2024.

RUSSEL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. Tradução de Álvaro Cabral, William Lagos. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2019

RUSEN, Jorn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética à consciência moral. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jorn Rusen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, 2011, p. 51-78.

ROFF, Shelley. "Appropriate to her sex"? Women's Participation on the Construction Site in Medieval and Early Modern Europe. In: EARENFIGHT, T. (org.). **Woman and Wealth in Late Medieval Europe**. Nova York: Palgrave Macmillan, p. 109-134, 2010.

SEFFNER, Fernando. Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; PEREIRA, Nilton Mullet; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GEDOZ, Sirlei Teresinha; PADRÓS, Enrique Serra (org.). **Ensino de História: Desafios Contemporâneos**. Porto Alegre: UFRGS Lume, p. 213-229, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213964>. Acesso em: 14/dez./2023.

SILVA, José Conceição da. **Contando histórias nas aulas de história: uma reflexão sobre memória e narrativa**. 2018. 95f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/8826>. Acesso em 14/dez./2023

SILVEIRA, Aline Dias da. Europeização e/ou Africanização da Espanha Medieval: Diversidade e unidade cultural europeia em debate. **História**, v. 28, n. 2., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/CHtJVvzW6Q69485GcXkFQmb/>. Acesso em: 19/abr./2024

SPINA, Seguismundo. **A cultura literária medieval: uma introdução**. 3 ed. Cotia: Ateliê Editorial. 2007.

SPÍNOLA, Diego Améndolla. "Feudalismo": estado de la cuestión, controversias y propuestas metodológicas en torno a un concepto conflictivo, 1929-2015. **Anos 90**, v. 26, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/88575>. Acesso em: 24/jan./2025

VALDEON, Julio; PÉREZ, Joseph; JULIÁ, Santos. **História de Espanha**. Tradução de Luís Filipe Sarmiento. Lisboa: Edições 70, 2014. Disponível em: <https://asdocs.net/3sNe8?DownPageLink=true&pt=ei9HeWxRS0xvTGV2SGZRdVBPNFY2VUZCYzA5WllteFhOakZKY1RobVYwZfZkSFI0YW5jOVBRPT0%3D>. Acesso em: 19/abr./2025

VALLÉS, Almudena Blasco. Modelos de mujer em los sermones dirigidos a la sociedad barcelonesa del siglo XIII. **Revista de Poética Medieval**, n. 24., p. 77-92, 2010. Disponível em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/10603>. Acesso em: 02/out./2023

VARGAS, Lorena da Silva (org.). **Medievalismo: a Idade Média nos imaginários moderno e contemporâneo**. Curitiba: Appris, 2021.

VASCONCELOS, Éderson José de. Reconquista Ibérica: um oceano de tinta entre a historiografia e a Primeira crônica general de España. **Revista de História da UEG (REVHIST)**, v. 13, n. 1., p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/14360>. Acesso em: 19/mai./2025.

VILELA, Waldirene Aparecida. **O ensino de história ibérica a partir do romance o outro pé da sereia, de Mia Couto**. 2022. 58f. Dissertação (Mestrado em História Ibérica) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2022. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/2113>. Acesso em: 14/dez./2023.

VIANA, Lucialine Duarte Silva. **Fontes literárias e a construção dos saberes históricos: uma proposta didático-pedagógica no ensino de história**. 2016. 115f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2016. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173174>. Acesso em: 18/fev./2025

VIANNA, Luciano José. Construir e recordar o passado: a formação territorial da Coroa de Aragão interpretada por Pedro o Cerimonioso (1336-1387). **Esboços: Histórias em Contextos Globais**, v. 20, n. 29, p. 140-159, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2013v20n29p140>. Acesso em: 12/jun./2024